



**Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Audiovisual e Publicidade**

**Acessibilidade no cinema: inserção do cineasta na produção de  
audiodescrições**

Gabriela Souza de Melo Romano  
10/0102506

Brasília - DF  
Dezembro/2018



**Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Audiovisual e Publicidade**

**Acessibilidade no cinema: inserção do cineasta na produção de  
audiodescrições**

Gabriela Souza de Melo Romano  
10/0102506

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Faculdade de Comunicação da Universidade  
de Brasília, como requisitos para obtenção do  
título de Bacharel em Comunicação Social com  
habilitação em Audiovisual.

Orientadora: Profa. Dra. Rose May Carneiro

Brasília - DF  
Dezembro/2018



**Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Audiovisual e Publicidade**

Gabriela Souza de Melo Romano  
10/0102506

Projeto Experimental aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Rose May Carneiro

---

Prof. Ms. Elton Bruno Pinheiro

---

Profa. Dra. Helena Santiago Vigata

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pois sem Ele não teria tudo que tenho e nem tampouco conseguiria alcançar todas as minhas vitórias.

A minha família, pelo amor incondicional, pelo apoio, pela força imensurável, por sempre serem meu “porto seguro”, por me incentivarem desde o início, por compreenderem a importância dos estudos em minha vida.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Rose May Carneiro, que me acolheu, me incentivou e acreditou no meu projeto, muito obrigada.

À minha equipe de audiodescrição, Maíra Guimarães e Gabriel Carvalho pela colaboração no projeto. São pessoas que admiro muito, que aceitaram de bom grado participarem do trabalho. Sem vocês este trabalho não existiria. Agradeço de coração.

À querida Viviane Queiroz, que trabalhou excelentemente como consultora no projeto. Uma pessoa admirável, especial e que sempre estará no meu coração.

À minha grande amiga Isabella Flores pelo carinho e incentivo constante. A melhor editora do mundo.

A Isabella Lima, por autorizar o uso de seu curta-metragem.

Aos meus amigos da turma de 2/2014 do Audiovisual, por acreditarem no trabalho e incentivarem meu projeto.

À Profa. Dra. Helena Santiago, pelo exemplo de dedicação à pesquisa científica, pelo apoio, compreensão, e presença construtiva neste trabalho, obrigada pela contribuição, leitura crítica e por ter me apresentado ao mundo da acessibilidade no audiovisual. Por mais que agradeça, nunca será o bastante.

Aos integrantes do grupo de pesquisa Acesso Livre, pelas importantes reflexões sobre audiodescrição.

Aos professores e alunos do Centro de Ensino Especial para Deficientes Visuais (CEEDV), pela grande contribuição nesta pesquisa, mas, principalmente, pelos ensinamentos constantes dos significados na vida.

Agradeço imensamente a todos que, de alguma forma me encorajaram na minha caminhada.

*É apenas com o coração que se pode ver direito;  
o essencial é invisível aos olhos.*

*Antoine de Saint-Exupéry*

## RESUMO

A Audiodescrição (AD) é um mecanismo que tem o objetivo de tornar acessível ao público, com deficiência visual, conteúdos imagéticos produzidos no âmbito educacional e cultural. A equipe de produção de audiodescrições normalmente, segundo Mianes (2016), é formada por um roteirista audiodescritor, um narrador audiodescritor e um consultor. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, este trabalho visa propor um novo método de composição da equipe de produção de audiodescrições, com a presença não somente de audiodescritores, e consultor, mas também de um cineasta, auxiliando tais profissionais de AD a entenderem mais sobre a linguagem cinematográfica do produto trabalhado. Tal equipe fará uma proposta de AD para o curta-metragem *Cóclea*, trazendo para o produto a especialidade de cada membro, com o objetivo de tornar a AD mais expressiva e criativa, tentando favorecer o espectador com deficiência visual na compreensão estética e crítica do filme como um todo. Esta proposta também discutirá como o cineasta presente na equipe de produção, trabalha com a estética e a linguagem cinematográfica na produção da audiodescrição. A partir da produção da audiodescrição foi feita uma apresentação para alunos e professores do Centro Especial de Ensino para Deficientes Visuais (CEEDV), de Brasília, buscando a avaliação do serviço em questão. Os resultados demonstraram ser possível a inserção de um cineasta na equipe de produção de audiodescrições, sendo um diferencial para o desenvolvimento expressivo do roteiro e narração audiodescrita, tendo como fundamento as falas da entrevista feita com tais espectadores.

**Palavras-chave:** Acessibilidade, Cinema, Audiodescrição, Linguagem cinematográfica, Tradução audiovisual.

## ABSTRACT

Audiodescription (AD) is a mechanism that aims to make accessible to the visually impaired public imagistic contents produced in the educational and cultural spheres. According to Mianes (2016), the production team of audiodescriptions usually consists of an audio-scriptwriter, an audio-narrator, and a consultant. As a qualitative experiment, this work aims to propose a new method of composing the audiodescription production team, with the presence not only of audiodescribers, but also of a filmmaker, helping such AD professionals to understand more about the cinematographic language of the product worked. This team will make an AD proposal for the short film *Cóclea*, bringing to the product the specialty of each member, with the aim of making the AD more expressive and creative, trying to favor the visually impaired viewer in the aesthetic and critical understanding of the film as a whole. This proposal will also discuss how the filmmaker is present in the production, inserts and works with aesthetics and cinematographic language in the production of audiodescription. Once the audio description was produced a presentation was made of the same for students and teachers of the Special Center for Teaching Visually Impaired (CEEDV), seeking the evaluation of the product in question. The results showed that it is possible for a filmmaker to be included in the production team for audioescriptions, based on the statements of the interview with such viewers.

**Keywords:** Accessibility, Cinema, Audiodescription, Film language, Audiovisual translation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Exemplo de Plano Geral
<b>Figura 2</b>	Exemplo de Plano Conjunto
<b>Figura 3</b>	Exemplo de Primeiríssimo Plano
<b>Figura 4</b>	Exemplo de Plano Detalhe
<b>Figura 5</b>	Exemplo de Primeiro Plano
<b>Figura 6</b>	Exemplo de Plano Médio
<b>Figura 7</b>	Fotografia Avila e Costa (2011)
<b>Figura 8</b>	Exemplo de apresentação do ambiente e personagens
<b>Figura 9</b>	Exemplo de ocorrência de complicação da trama
<b>Figura 10</b>	Exemplo de complexidade da trama
<b>Figura 11</b>	Exemplo de ruptura do abscesso
<b>Figura 12</b>	Exemplo de final da trama
<b>Figura 13</b>	Cena da audiodescrição mencionada
<b>Figura 14</b>	Cena da audiodescrição mencionada
<b>Figura 15</b>	Cena audiodescrição mencionada
<b>Figura 16</b>	Cena audiodescrição mencionada
<b>Figura 17</b>	Cena audiodescrição mencionada
<b>Figura 18</b>	Cena audiodescrição mencionada
<b>Figura 19</b>	Cena final do filme



## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>AD</b>	Audiodescrição
<b>ADs</b>	Audiodescrições
<b>CEEDV</b>	Centro de Ensino Especial para Deficientes Visuais
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>2. Acessibilidade em cinema.....</b>	<b>13</b>
2.1 Deficiência visual e o cinema.....	15
2.2 Audiodescrições em produtos audiovisuais.....	17
<b>3. Linguagem cinematográfica e audiodescrição.....</b>	<b>20</b>
3.1 O olhar.....	26
3.2 O roteiro cinematográfico vs. roteiro de audiodescrição.....	29
<b>4. Metodologia.....</b>	<b>33</b>
4.1 O filme: <i>Cóclea</i> .....	34
4.2 Formação da equipe de produção.....	35
4.3 Análise e problematização na produção da AD.....	36
4.3.1 Análise fílmica e roteiro audiodescritivo.....	36
4.3.2 Consultoria.....	46
4.3.3 Narração e edição.....	47
4.3.4 Apresentação.....	51
<b>5. Considerações finais.....</b>	<b>58</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>60</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>64</b>

## INTRODUÇÃO

A audiodescrição (AD), modalidade de tradução audiovisual, é um recurso de acessibilidade que tem como objetivo tornar o teatro, a TV, obras de artes visuais e o cinema acessíveis às pessoas com deficiência visual. “Trata-se de uma narração adicional que, no caso do cinema, da TV e do teatro, descreve as ações, a linguagem corporal, as expressões faciais, os cenários e os figurinos”. (ALVES, 2016).

A AD no Brasil está sendo implantada aos poucos. A Lei Brasileira de Inclusão - LBI (Lei nº 13.146/2015), que entrou em vigor em 03 de janeiro de 2015, representou um marco para a inclusão e a isonomia da cidadania brasileira, como pode ser identificado nos seguintes artigos:

Art. 42. A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso:

- I - a bens culturais em formato acessível;
- II- a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível;

Art.67. Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros:

- I - subtítuloção por meio de legenda oculta;
- II - janela com intérprete da Libras;
- III - audiodescrição.

Diante dessas informações, torna-se cada vez mais importante capacitar e qualificar a equipe de produção da audiodescrição.

Independentemente da forma como enxerga o mundo, é fato que a pessoa com deficiência visual necessita de experiências e interações em variados espaços

de cultura e comunicação, vivenciando prazeres e saberes que certamente contribuirão para a formação de seu universo existencial. Logo, embora seja necessário que esse público se familiarize com o recurso, também é preciso que o audiodescritor esteja capacitado a construir um discurso acessível a eles.

Segundo Farias (2013), é necessário um processo de formação e especialização para que o audiodescritor refine seus conhecimentos linguísticos e tradutórios e também aprofunde sua capacidade de leitura de imagens.

A produção de audiodescrições, segundo Mianes (2016), é feita por uma equipe formada de um roteirista, um narrador, que, às vezes, é a mesma pessoa, e um consultor com deficiência visual.

Este trabalho visa propor um método de produção de audiodescrição para o Cinema com a participação não somente da equipe padrão já mencionada, mas também do cineasta. Acredito que com esta formação o produto audiodescrito terá um formato mais expressivo e adequado para ser transmitido no cinema.

Esta monografia está dividida em quatro seções. A primeira apresenta uma revisão teórica sobre acessibilidade no Cinema, e como ela é trabalhada no Brasil. A segunda descreve como podemos trabalhar com o olhar sensível e a inserção da linguagem cinematográfica nas audiodescrições. A terceira explica a metodologia da pesquisa. Finalmente, a última resume as principais conclusões da pesquisa e indica a relevância do trabalho, assim como as implicações e questões para futuras pesquisas na área.

## 2. Acessibilidade no cinema

Desde o final do século XVIII, o Cinema, uma linguagem ainda a ser decodificada, surge como um produto constituído por imagem em movimento e, conforme foi se modernizando, além das imagens, foi inserido o som. Inicialmente, foi criado para ser um mero entretenimento. Os filmes possuem histórias que estão relacionadas diretamente com o cotidiano de cada indivíduo, ou seja, com a cultura, com a identidade e tudo aquilo que ele representa na sociedade, por meio de documentários, histórias de ficção ou baseadas em fatos reais. Segundo Mônica Fantin:

Somos transportados para um lugar onde deixamos de ser meros espectadores para viver emoções. [...]. Nessa 'evasão da realidade' desse tempo/espço próprio do cinema, parece que as imagens, as músicas e o ambiente permitem nos identificarmos com os personagens, vibrar com as aventuras, chorar com as amarguras, enfim, nos emocionar com a vida. (FANTIN, 2005, p. 13).

Pensando no filme como um conjunto de imagens em movimento e som, ir ao cinema pode parecer uma atividade impraticável para quem é cego ou surdo. Entretanto, existem ferramentas que dão a essas pessoas a experiência de sentar em frente às telonas e consumir produções audiovisuais. Recursos como audiodescrição, Libras e legendagem são utilizados para que a exibição de filmes às pessoas com deficiência seja possível.

De acordo com os últimos dados do IBGE de 2010, 45,6 milhões de pessoas declararam ter pelo menos um tipo de deficiência, seja do tipo visual, auditiva, motora ou mental/intelectual. Só em Brasília, de acordo com o Codeplan (2013), a deficiência que aparece em maior proporção é a visual (63,71%), seguida da deficiência motora (18,02%), auditiva (14,41%) e mental/intelectual (3,85%).

Apesar de representarem 23,9% da população brasileira, estas pessoas não vivem em uma sociedade adaptada. Segundo a Pesquisa de Informações Básicas Municipais (Munic) de 2014, 78% das prefeituras não promove políticas de acessibilidade, tais como o lazer para pessoas com deficiência.

A Ancine, em 2017, lançou o Programa de Apoio à Distribuição de Conteúdo Acessível no Segmento de Exibição Cinematográfica. A iniciativa visa garantir que

os novos lançamentos de pequeno porte contenham recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual e auditiva (Legenda Descritiva, Audiodescrição e Libras). A acessibilidade aos portadores de deficiência visual e auditiva nas salas de cinema está prevista na Lei 13.146/2015, que institui o Estatuto da Pessoa com Deficiência, e na Instrução Normativa nº 128/2016, editada pela Ancine em 2018, que regulamenta o provimento de tecnologia assistiva, no segmento de distribuição e exibição cinematográfica.

Além disso, com os comandos legais já citados, os filmes nacionais e estrangeiros, exibidos em todo o país, devem dispor dos recursos de legendagem; legendagem descritiva (que indica, para surdos, ruídos e sons importantes para a construção da narrativa); audiodescrição e a Língua Brasileira de Sinais, conhecida como Libras.

Portanto, iniciativas que estimulem a produção artística e cultural das pessoas com deficiência serão fundamentais nesta nova fase de implementação de políticas públicas culturais, embora, segundo Santiago (2016), ainda permaneçam em um segundo plano de ação por ser a prioridade inicial adaptar os espaços culturais para acolher essa parcela da sociedade.

Inovações tecnológicas começam a surgir no país na iniciativa privada, com o intuito de facilitar os processos de adaptação dos espaços culturais para se tornarem acessíveis. Na matéria publicada em 2013 na revista *Época Negócios*<sup>1</sup>, foi anunciado o lançamento de um novo sistema, o aplicativo *MobiLoad*, criado pela empresa brasileira Steno Mobi, para transmitir legendas, janela de Libras e audiodescrição, em função das necessidades do público.

Aos poucos, podemos ver projetos que visam a acessibilidade dentro do cinema. Este ano (2018), a Ancine reiniciou os trabalhos da Câmara Técnica<sup>2</sup> sobre acessibilidade nos segmentos de distribuição e exibição cinematográfica. Esta iniciativa tem como objetivo o financiamento para adaptação das salas de cinema e para o desenvolvimento de tecnologias de acessibilidade. A linha permite o financiamento dos equipamentos necessários para os fornecedores e exibidores.

---

<sup>1</sup> ABDALLAH, Ariane. Uma nova ferramenta inclui surdos e cegos nas plateias de teatro. *Época Negócios*. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 2013.

<sup>2</sup> ANCINE. Ancine reinicia Câmara Técnica sobre acessibilidade nas salas de cinema. *Sala imprensa*. 7 de junho de 2018.

As regras estão definidas na Instrução Normativa nº 128/2016, da Agência Nacional do Cinema (Ancine). Com a norma, as salas de cinema deverão oferecer equipamentos como tablets, fones ou óculos que ampliam as telas e que ofereçam os recursos de acessibilidade.

Outro aplicativo, criado em parceria com o Brasil e a Itália, é o *MovieReading*, que possibilita baixar tanto legendas quanto audiodescrição em Língua Portuguesa, para que sejam sincronizadas, em tempo real, com os filmes. Em uma avaliação do tal aplicativo exposta na matéria de 2014 na *UOL Entretenimento*<sup>3</sup>, Aguinaldo de 52 anos, e pessoa com deficiência visual desde 1997, deu sua opinião: “Decidi que ia avaliar o aplicativo de acordo com o número de perguntas que precisaria fazer para entender o filme. Não precisei fazer nenhuma.”

Essas iniciativas deverão causar notáveis transformações da realidade brasileira nos próximos anos. Atualmente, segundo Santiago Vigata (2016), os espaços culturais vêm melhorando o acesso físico para as pessoas com mobilidade reduzida como consequência da necessidade de se adequar à lei, mas ainda falta muito para que as pessoas se sintam acolhidas e respeitadas nesses ambientes que lhes foram vedados. Assim como a autora, acredito que a acessibilidade não se restringe à adaptação do espaço físico, mas também de permanecer, participar e ter uma experiência humana passível com a sétima arte.

Desta forma, a acessibilidade audiovisual vem tomando espaço nos debates nacionais no que tange às políticas de inclusão da pessoa com deficiência na área da cultura, e percebemos que, nos últimos anos, surgiram regulamentações e meios que garantem que conteúdos produzidos e exibidos na televisão e no cinema estejam adaptados com ferramentas de acessibilidade para pessoas com deficiência.

## 2.1 Deficiência visual e o cinema

Segundo Farias (2013), o ser humano dá sentido à sua vida pela Arte, composta em muitas de suas possibilidades por imagens. As imagens, por sua vez,

---

<sup>3</sup> ZENDRON, Mariane. UOL testa aplicativo que dá independência a deficientes visuais no cinema. *UOL Entretenimento*. 30 de outubro de 2014.

ao longo do tempo, transmitiram sentidos no cotidiano da humanidade, viabilizando a comunicação entre os sujeitos.

O Cinema promove o encontro de valores, de ideologias, da estética, da cultura, do lazer, enfim, de reflexões que se encontram e entrelaçam no cotidiano das pessoas. Conforme afirma Farias (2013), ele tem o poder de aflorar múltiplas sensações e sentimentos. Com isso, analisar o cinema requer ir além da exibição fílmica; o alicerce dele está nas imagens, entretanto, para o cego está no não enxergar. Como então juntar essas duas constituições básicas?

De acordo com Martin e Bueno (2003), a pessoa com deficiência visual segue um desenvolvimento paralelo ao dos sujeitos videntes, entretanto, seu organismo possui outras vias sensoriais (olfativas, táteis, auditivas etc.), que o faz representar o mundo de forma qualitativamente diferente adaptando, portanto, sua evolução à informação sensorial existente. Isso não significa que eles não enxerguem os elementos que constroem o universo visual, como bem nos alerta Flávia Machado:

[...] as pessoas com deficiência visual constroem seu conhecimento a partir dos mesmos conceitos e referências visuais daqueles que veem, mas o fazem de modo próprio: com suas experiências, através de todos os sentidos que possuem. (MACHADO, 2010).

Muitos se perguntam qual haveria de ser o interesse em desenvolver estratégias inclusivas para produtos culturais que são fortemente ligados à visão, como é o caso do cinema. Para David, Hautequest e Kastrup (2010), a resposta surge quando ouvimos os principais interessados na causa da audiodescrição: as próprias pessoas com deficiência visual. É possível que a ausência de filmes audiodescritos no cinema seja uma das fortes causas do desinteresse de muitos cegos por esta arte.

Nesse sentido, a audiodescrição pode produzir o desejo de assistir a filmes e fazer com que pessoas com deficiência visual participem do ambiente cultural e encontrem, inclusive, novas maneiras de habitar o espaço público, saindo do isolamento que lhes é por vezes imposto. A difusão da audiodescrição no Brasil necessita da implementação de políticas públicas específicas, de investimento financeiro na área e também do desenvolvimento de tecnologias sociais construídas de modo coletivo, com a participação ativa das pessoas com deficiência visual.



Estes recursos mudaram a vida de muitas pessoas como foi o caso de Paulo Romeo, autor do Blog da Audiodescrição:

Perdi a visão em 1980, aos 22 anos, em um acidente de carro, e só fui voltar ao cinema há 5 ou 6 anos, quando descobri que o Cinesesc estava fazendo um festival com audiodescrição. Passei 30 anos sem interesse pelo cinema porque não achava justo pagar ingresso inteiro para assistir a meio filme, não valia a pena [...] comecei a usar os aplicativos de audiodescrição e as coisas mudaram. Antes, quando emendava o cinema e um jantar com amigos, passava o tempo à mesa tentando entender o filme, juntando as peças que perdi. Hoje, uso esse tempo para, como eles, discutir o filme, dizer o que gostei ou não. Ganhei autonomia<sup>4</sup>.

Tendo os recursos próprios para indivíduos com deficiência visual, respeitando os limites, tais pessoas atuam ativamente como qualquer outra, tendo o direito de agir como cidadãs que contribuem e desenvolvem a sociedade à qual compartilham e, dado a isso, querem, podem e devem participar do cinema enquanto possibilidade de lazer, de informação e de educação, sendo possível se movido pela produção adequada do suporte.

Com a profissionalização e a formalização da audiodescrição, garante-se um maior alcance de seu uso, pois permite que a prática se torne uma ferramenta pública, garantida enquanto serviço prestado à comunidade e acessível coletivamente em diversos espaços.

## 2.2 Audiodescrições em produtos audiovisuais

Como já destacado, nos últimos tempos, tem-se observado uma preocupação crescente nos diversos setores da sociedade com a inclusão cultural.

A audiodescrição tem como objetivo preencher lacunas de acesso à informação visual existente no processo de construção de significado de pessoas com deficiência visual, seja no cinema, uma palestra, um evento social etc. Mesmo não tendo a percepção sensorial das informações visuais, o acesso a elas por meio da audiodescrição ajuda na construção de cenários mentais dos indivíduos sem visão, proporcionando-lhes um maior repertório sobre o universo visual e

---

<sup>4</sup> SACOMAN, Ana Carolina. Acaba em novembro prazo para que parte das salas de cinema do país sejam acessíveis aos cegos. **Estadão**, 17 de junho de 2018.

contribuindo para que estas pessoas interajam de uma maneira mais ativa e fluida com o mundo.

Deste modo, percebo que o cinema acessível deve, o quanto antes, ser democratizado na sociedade. O cinema para as pessoas com deficiência visual no Brasil, ainda não acontece efetivamente. Como relata o pedagogo e pesquisador/consultor do grupo de pesquisa em audiodescrição Cinema ao Pé do Ouvido (PUC Minas), Gabriel Aquino:

Lembro-me que no longo processo de perda da visão, era cada vez mais necessário aproximar o rosto da televisão para compreender o que se passava na tela. Dessa forma, era constrangedor assistir televisão com mais alguém. Era preciso estar tão perto da tela que acabava atrapalhando quem mais também queria assistir. Com isso, ver televisão deixou de ser um momento leve e descontraído. Mais tarde, sem qualquer resquício de visão, tornou-se totalmente desinteressante. Ir ao teatro, ao cinema ou alugar um filme deixaram de fazer parte dos meus planos. Ir ao museu então, onde geralmente só é possível apreciar com os olhos, nem pensar. Pouco a pouco, todas essas formas culturais e de entretenimento, além de serem desinteressantes para mim, também passaram a ser desmotivantes para minha família. Mesmo que eles possuíssem o interesse, haviam perdido a motivação por não poderem me incluir nessas atividades. (SVOA, 2013, p.5).

Segundo Farias (2013), poucos são os filmes audiodescritos, e são raros os casos de filmes que se passam mais de uma sessão num espaço exibidor. E as exhibições, na maior parte do tempo, têm que ser ao vivo porque as salas ainda não estão estruturadas, nem seus responsáveis querem alugar os equipamentos para sessões com pessoas com deficiência visual. E algumas ADs não possuem uma narrativa adequada para o entendimento e fruição do público com deficiência visual com o filme.

Estes são alguns dos motivos para que haja pouco envolvimento dessas pessoas com o cinema. Por outro lado, mesmo os deficientes visuais ainda estando bastante distantes dos filmes com audiodescrição (AD), há a necessidade de se pensar o que será disponibilizado e, claro, como serão feitas as ADs.

Díaz-Cintas (2007, p. 53), diz que a audiodescrição para a sétima arte envolve uma análise prévia do filme que exige do audiodescritor conhecimento de linguagem cinematográfica e semiótica da imagem. Ou seja, a equipe que fará a audiodescrição para o cinema precisa entender as escolhas do diretor e respeitar o

ritmo do filme para não sufocar o ouvinte com descrições “tagarelas” que só levam a exaustão.

Em 2016, com o lançamento do *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis*, produzido pelo Ministério da Cultura e Secretaria do Audiovisual, garantiu ajuda na produção de audiodescrições. Ou seja, percebe que a acessibilidade é mais que uma tendência; é uma política pública de inclusão que garantirá que esta parcela de consumidores tenha seu direito de acesso ao conteúdo garantido. Contudo, é importante lembrar que o conhecimento na área cinematográfica é de grande importância para a confecção dos produtos audiodescritos, como cita Santiago Vigata (2016).

Este trabalho aborda apenas a audiodescrição para cinema. É necessário conhecer nosso campo de estudo, ou seja, o universo da sétima arte para fazer uma proposta de roteiro e produto de audiodescrição coerente entre o objetivo a ser atendido e o gênero trabalhado. Por isso, a seguir, serão feitas considerações acerca desse tema, além de se ilustrar as etapas de elaboração e produção do roteiro e audiodescrição de um filme com a inserção de um profissional do cinema.

### 3. Linguagem cinematográfica e audiodescrição

Segundo Teles (2014), como toda linguagem, a narrativa cinematográfica tem seus elementos próprios, como planos, enquadramentos, campos, ordem, símbolos, sons, espaço, tempo, iluminação, figurino, cenário, montagem e roteiro.

A linguagem cinematográfica trabalha na organização das imagens, para produzir um sentido, e estas imagens podem ser uma representação do real ou uma imagem imaginária, como vemos em alguns filmes de ficção. Como cita Christian Metz: “Um filme é composto por várias imagens que adquirem suas significações umas em contato com as outras, através de um jogo complexo de implicações recíprocas, símbolos, elipses.” (METZ, 1980, p.59).

A câmera tem um papel fundamental na produção cinematográfica, uma vez que ela “[...] torna-se móvel como o olho humano, como o olho do espectador ou do herói do filme. A partir de então, a filmadora é uma criatura móvel, ativa, uma personagem do drama. [...]” (MARTIN, 2003, p. 31), isto é, a câmera além de, observar as características dos seres e das coisas, fornece ao espectador os dados necessários para a construção do sentido.

A noção de estética, os tipos de planos e a indução a emoções para a construção de pontos de vista e da narrativa fílmica são extremamente importantes no caso a ser estudado neste projeto, pois coloca uma condição importante no processo de escolhas pelo qual o roteirista de audiodescrição passa. O profissional precisa ter conhecimento de seus objetos de trabalho, ou seja, os produtos imagéticos, para que possa compor um produto adequado, levando em consideração para a formulação do roteiro questões como: estética cinematográfica e narratologia.

O ponto de vista em um filme é condição principal para o desenvolvimento de um discurso. Segundo Xavier (2012, p. 13) o cinema é um discurso e é ideológico, capaz de criar representações para além da imaginação dos espectadores, pois estes são induzidos a repensar, a recriar e reelaborar significados que por sua vez são permeados por interesses diversos. Deste modo, na audiodescrição essa proposta também pode ser marcada a fim de se estabelecer coerência com a narrativa. Os planos são significativos para uma expressão mais elaborada da cena

de um filme, que pode ser ampla ou específica. Este modo de expressar-se varia em função do que se quer mostrar, contar, exprimir, até mesmo impor.

O primeiro cineasta a nomear e padronizar os planos foi o norte-americano David Griffith e, por esta razão, ele é considerado por algumas escolas de cinema o pai da linguagem cinematográfica. A linguagem de David Griffith é simples de se entender e sua forma de trabalhar os planos de câmera, pela composição e o enquadramento, trouxeram significativos avanços à estrutura narrativa. Criada em uma época em que o cinema ainda era mudo (1908), a linguagem de planos e movimentos tem o importante papel de desenvolver uma narrativa visual compreensível a todos.

Segundo Teles (2014), o Plano Ponto de Vista (PPV) é o nome dado a uma imagem capturada por uma câmera de cinema ou vídeo que enquadre algo de uma forma previamente definida. É através dos PPVs que os pontos de vista se desenvolvem e criam uma relação de semelhança com o cotidiano, continuidade espacial e temporal e ideias pessoais com as quais o espectador desenvolve uma relação de intimidade, mesmo que subjetiva, com a narrativa fílmica, e consequentemente de familiaridade, já que é através da câmera que se tem a visão do autor, narrador, personagens ou do próprio espectador.

Segundo Branigan (2005, p.251), “é um plano em que a câmera assume a posição de um sujeito de modo a nos mostrar o que ele está vendo”. A técnica é uma subdivisão do contra-campo do olhar, que foi elaborada pelo mesmo autor que subdivide os PPVs em seis elementos distribuídos em dois planos (plano A e plano B):

Elemento 1: PONTO – estabelecimento de um ponto no espaço.

Elemento 2: OLHAR – estabelecimento de um objeto (geralmente fora de campo) pelo olhar a partir do ponto.

Entre os planos A e B

Elemento 3: TRANSIÇÃO – continuidade temporal ou simultaneidade. Plano B: Ponto/Objeto

Elemento 4: A PARTIR DO PONTO – a câmera se posiciona no ponto, ou muito perto dele, no espaço definido pelo elemento 1.

Elemento 5: OBJETO – o objeto do elemento 2 é revelado. Planos A e B

Elemento 6: PERSONAGEM – o espaço/tempo dos elementos 1 a 5 são justificados, ou indicados, pela presença normal de um sujeito.

(BRANIGAN, 2005, p. 252).

Todos os seis elementos têm relações recíprocas importantes, pois precisam uns dos outros para a realização e produção de pontos de vista e representam respectivamente unidades clássicas: origem, visão, tempo, enquadramento, objeto e mente.

Outros planos devem ser levados em conta neste trabalho, além dos planos-ponto-de-vista e que auxiliam no trabalho do audiodescritor roteirista. São eles: PLANO GERAL, onde sua principal característica é ser mais específico, já que sua função é a de referência geográfica exata e a localização dos personagens.

*Figura 1: Plano Geral.*



*FONTE: Curta-metragem Cóclea*

**PLANO CONJUNTO** Com um ângulo visual aberto, a câmera revela uma parte significativa do cenário à sua frente. A figura humana ocupa um espaço relativamente maior na tela. É possível reconhecer os rostos das pessoas mais próximas à câmera.

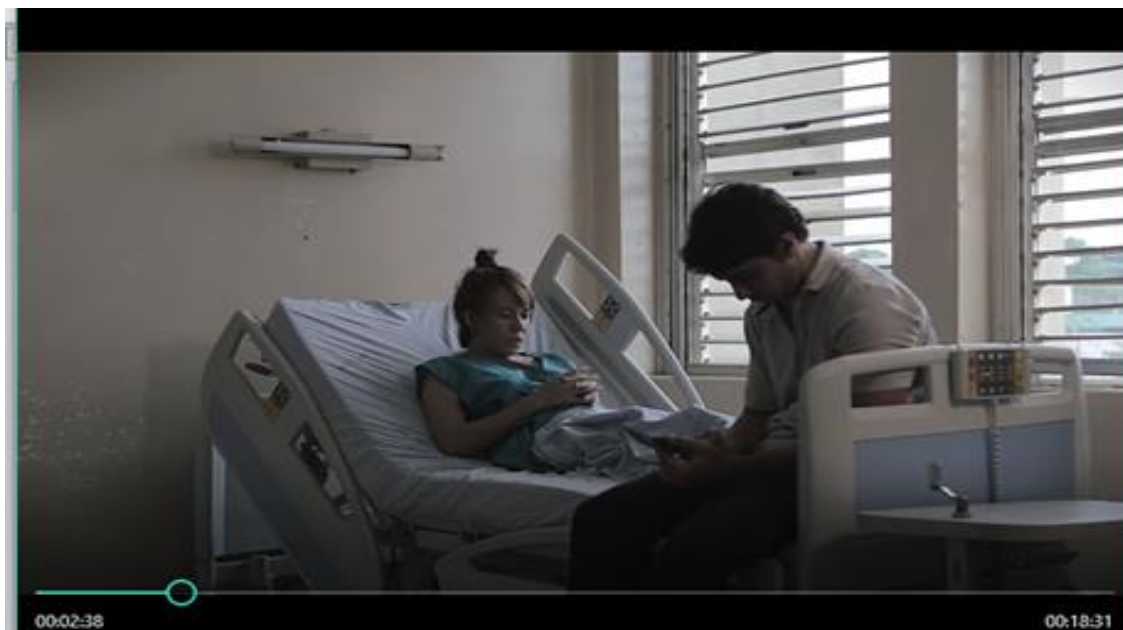
Figura 2: Plano Conjunto



FONTE: Curta-metragem Cóclea

O PLANO MÉDIO inclui todas as características importantes de uma cena. Estabelece relações entre o tema e o meio ambiente. São visíveis apenas gestos largos.

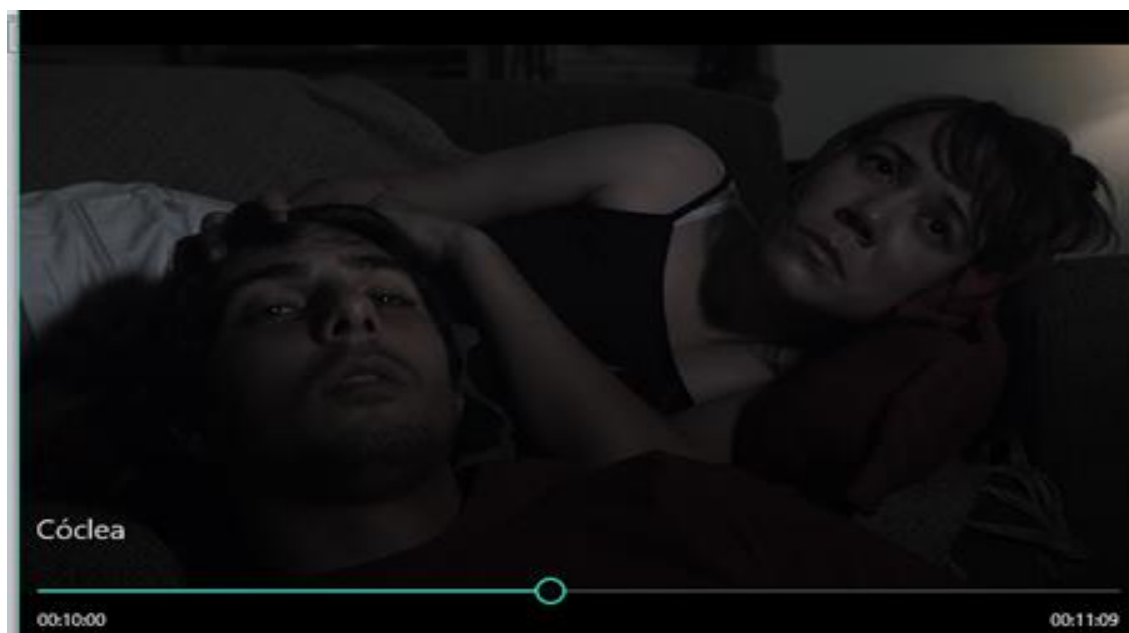
Figura 3: Plano Médio



FONTE: Curta-metragem Cóclea

PRIMEIRO PLANO concentra-se num rosto ou detalhe de uma cena. Revela o personagem e seus sentimentos. Desempenha função mais emocional, ele privilegia o que é transmitido pela expressão facial.

*Figura 4: Primeiro Plano*

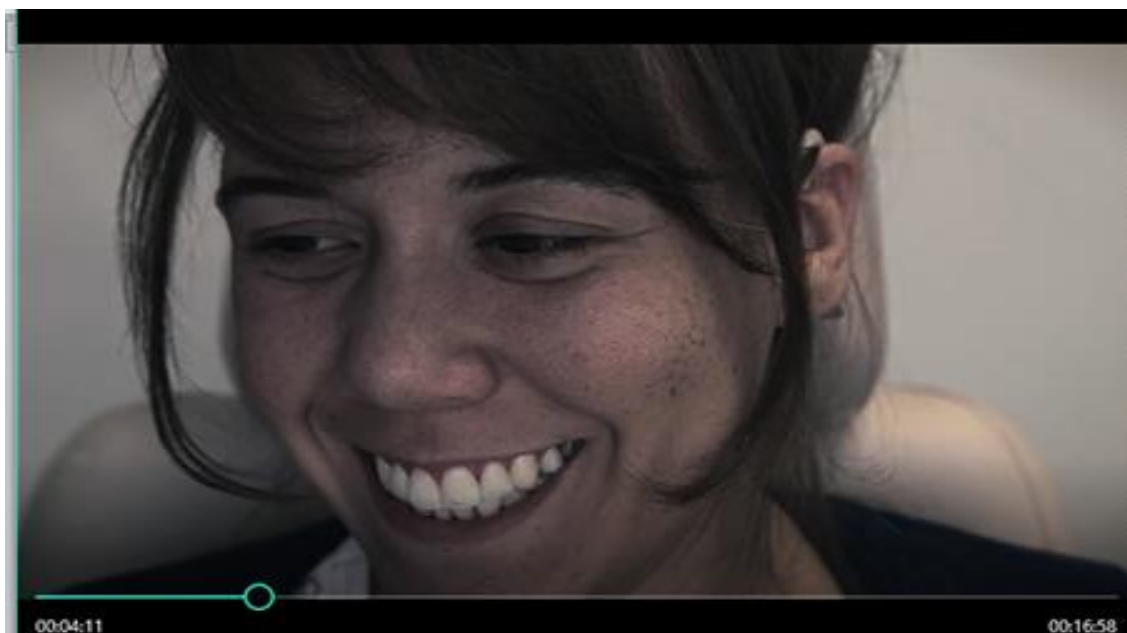


*FONTE: Curta metragem Cóclea*

PRIMEIRÍSSIMO PLANO enfoca uma parte do rosto do tema como olhos, as mãos ou outro detalhe. Cria um efeito de choque. Essencial para alcançar a máxima intensidade dramática, apresenta nitidamente a expressão do rosto e projeta características do personagem, além de revelar pensamentos e o momento interior do mesmo.

*Figura 5: Primeiríssimo Plano*

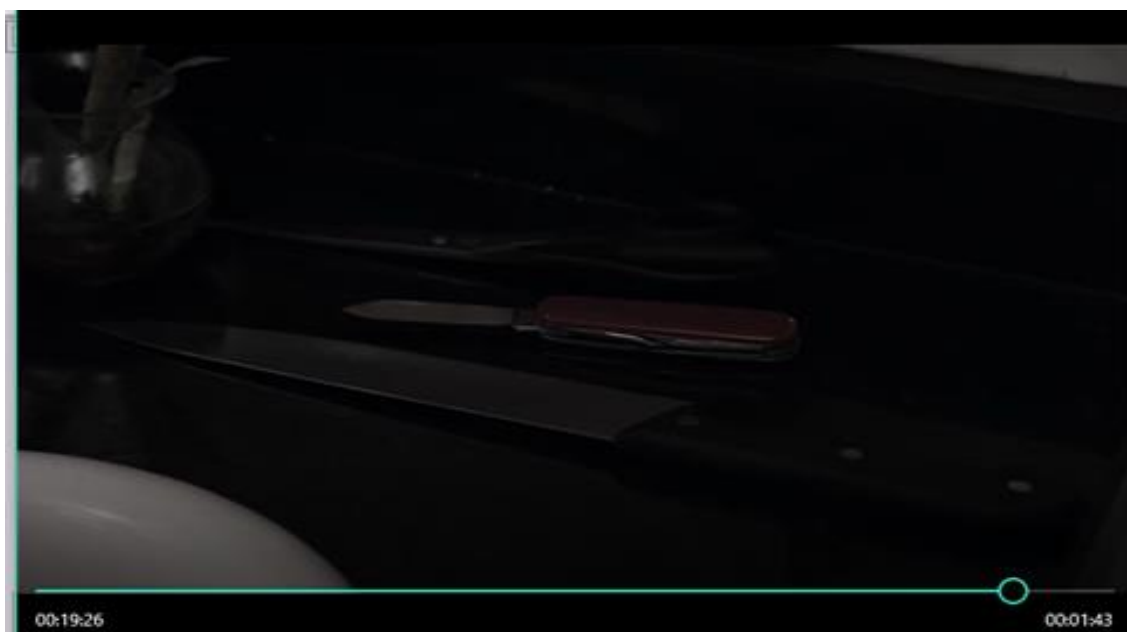




*FONTE: Curta-metragem Cóclea*

PLANO DETALHE caracteriza-se por focar um detalhe mínimo, muitas vezes de maneira que não se consegue conhecer o objeto. Cria um sentido de mistério. É um plano de impacto visual e emocional, mostrando uma parte essencial do assunto.

*Figura 6: Plano Detalhe*



*FONTE: Curta-metragem Cóclea*

Com a ajuda de um cineasta, o roteirista audiodescritor, absorvendo o conhecimento transmitido pelo cineasta, poderá inserir tais questões que compõem

o filme podendo assim transmitir ao espectador com deficiência visual um produto de qualidade.

De acordo com Santiago Vigata (2016), para um cego congênito, a linguagem cinematográfica se materializa pelo som. Como já destacado no capítulo anterior, o cinema é imagem em movimento, mas também é som: diálogos, trilha sonora e ruídos diversos formam uma parte significativa da narrativa cinematográfica. É através do som que o filme ganha complexidade e emoção. Como cita o professor de Cinema da UFPE, Rodrigo Carreiro em uma entrevista<sup>5</sup>:

Se o som não é realista, se não é metuculoso na reprodução dos detalhes acústicos de uma época ou de um espaço, ele pode tirar o espectador da sensação de estar imerso. [...] O som é capaz de provocar um segundo fluxo de informações, complementando, contradizendo ou complexificando o primeiro fluxo, o imagético.

Ou seja, os efeitos sonoros constituem-se pelos sons, reconhecíveis ou irreconhecíveis pelo espectador, que servem como “preenchimento” do ambiente sonoro ou como fator diegético, isto é, que faz parte da história. Este faz com que o filme ganhe complexidade de emoção, “nunca é meramente um acompanhamento, o som de verdade não apenas se adiciona à imagem, ele a multiplica.”<sup>6</sup>

E ainda, segundo Santiago Vigata (2016), embora o cego também possa aprender os códigos visuais, devemos compreender que não há necessidade deles para entender de cinema.

Pensando desta forma, a proposta deste trabalho é construir um método de produção de audiodescrição que tenha a participação do cineasta na elaboração da mesma, ajudando o roteirista audiodescritor a inserir a linguagem cinematográfica sem que agrida o entendimento narrativo e estético do filme para o público alvo.

### 3.1 O olhar

De acordo com Santos; Silva e Farias (2017), estamos em tempos de hipervalorização da imagem, em que signos condensados buscam expressar

<sup>5</sup> VIANA, Hugo. A importância do som no cinema. **Folha de Pernambuco**. 16 de março de 2018

<sup>6</sup> Fala de Akira Kurosawa, na matéria de Paulo Elias. **A importância do som no cinema**. 30 de maio de 2010. Encontrado em: <https://webinsider.com.br/a-importancia-do-som-no-cinema/>

conceitos e sentimentos, e o olhar busca captar estímulos provenientes do ambiente social, e somos condicionados a pensar sobre as possibilidades das pessoas com deficiência visual na aquisição de conhecimentos e informações. “A visão é um sentido que acarreta muitas representações sobre como indivíduos que nunca enxergaram ou se tornaram cegas absorvem o mundo. A percepção do mundo transcende a experiência dos sentidos, buscando, de forma dinâmica, a mais adequada interpretação do que lhe é apresentado” (Ormelezi, 2006).

Tal percepção acontece, principalmente, por meio das experiências pessoais, a partir de um estar no mundo que se faz com o corpo sensível e com a cultura. O documentário *Janela da Alma* (2001), dirigido por João Jardim e Walter Carvalho, é um bom começo para fazer uma reflexão sobre o sentido da visão. Nele, Wim Wenders afirma:

Ver é algo que se dá em parte através dos olhos, mas não totalmente. [...] felizmente a maioria de nós é capaz de ver com os ouvidos, de ouvir e ver com o cérebro, o estômago e a alma.

Ou seja, a compreensão do mundo estará sempre atrelada a uma sensibilidade mais ampla que aquela da visão, e é esse conceito mais amplo que se constrói a subjetividade.

Sendo de caráter sonoro, a AD é uma descrição, que segundo Motta (2010), permite a transferência de informações de uma dimensão visual para uma dimensão verbal, ou seja, da imagem para o sonoro. De acordo com o Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (2016), a AD deve ser neutra, clara e objetiva. Mas a AD também é entendida como não interpretativa. Logo, ser objetiva significaria ser antônimo de expressiva e poética. Vejo a audiodescrição como um diálogo, uma expressão do real, percepção cooperativa do mundo vivido.

Segundo Castro (1998, p.13), é na experiência poética que vivenciamos “a verdade e sentido do real como *poiesis*, concebida como o trazer algo para o desvelado à luz plena e na radiação de uma obra criada.” Ou seja, é o diálogo que as pessoas realizam consigo, com os outros e com as coisas do mundo.

Para demonstrar a poética e expressividade em uma AD, mas sem perder a sua objetividade, apresento a audiodescrição da fotografia de Ávila e Costa (2011), feita por Josélia Neves (Ávila; Costa, 2011):

Figura 7: Fotografia Ávila e Costa (2011)



Fonte: CARPES (2016)

**Audiodescrição 2:** Fotografia em preto e branco, de Rodrigo Ávila, de 2011. Pernas... são muitas as pernas que balançam, longe do chão... perninhas que se amontoam e nascem de corpos jovens que se seguram e aconchegam em colos que mal se contêm. Pés... muitos pés... suspensos em diversas alturas, balançando havaianas suas e de outros talvez... grandes demais, pequenas demais, gastas, usadas, por que não novas? Sete irmãs... em escadinha... sobre um parapeito sentadas.

Ao observarmos a AD, Neves, que propôs para uma tradução poética, podemos ver os três elementos perceptivelmente. Permite-se, por um lado “identificar as características significativas da imagem e/ou cena de partida” (Farias, 2013, p.189); ou seja, identificar os personagens, sua condição social e o que estão fazendo.

Compreender a realização da audiodescrição, em relação olhar e palavra, nos remete a algumas reflexões: como olhamos o mundo, as imagens, as palavras e as pessoas com deficiência visual. E percebemos que esse lugar está impregnado de objetividade, na neutralidade, na clareza, mas limitada, por conta desse olhar preconceituoso.

Se nos dispusermos a um olhar sensível, a admitir possibilidades, certamente encontraremos, por meio das palavras (oral, escrita, tátil), muitos caminhos importantes para a audiodescrição.

### **3.2 O roteiro cinematográfico vs. roteiro de audiodescrição**

O roteiro de um filme é um documento que indica os acontecimentos da história, a ordem das cenas, os cenários, as falas dos personagens e a sonoplastia. Ele inclui os diálogos, com indicações para os atores quanto à entonação da voz e à atitude corporal. Além disso, informa a hora do dia em que cada cena deve ser filmada (dia, noite, pôr do sol, amanhecer, etc) e se a cena é “externa” (filmada ao ar livre) ou “interna” (gravada em local fechado).

O roteirista de cinema pode indicar, nos diálogos, a entonação do personagem com marcações como “ríspido”, “alegre”, “assustado” etc. A falta dessas indicações pode levar a erros de interpretação quanto às intenções de uma fala. Dependendo do grau de detalhamento do documento, pode ocorrer do roteiro apontar o posicionamento da câmera, o tipo de plano, as pausas entre as falas e outros elementos das cenas.

Os roteiros de audiodescrição, de acordo com o *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis* (2016), precisam conter os seguintes elementos: tempos iniciais e finais das inserções da AD, as unidades descritivas, as deixas, ou seja, a última fala antes de entrar a AD, e as rubricas, que consistem nas instruções para a narração da AD. Ou seja, também possui indicações técnicas. Além disso, o roteiro de audiodescrição deve ter uma linguagem simples, objetiva, porém vívida e imaginativa, também de acordo com o *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis* (2016).

Dentro da elaboração do roteiro audiodescritivo ainda há a preocupação com o uso dos adjetivos, advérbios, tempo verbal e a complexidade sintática. Segundo Sales (2012), a linguagem do roteirista audiodescritivo se adapta progressivamente à linguagem das câmeras: descreve ações físicas, visíveis e representáveis. Essa linguagem de ações visíveis e representáveis é a linguagem do roteiro.

A mesma autora ainda faz uma importante pergunta em seu trabalho: “a forma como construímos a audiodescrição tem realmente tornado acessíveis aos deficientes visuais as informações visuais mais relevantes?”. Essa pergunta se faz necessária porque, no caso do filme em análise, um dos elementos mais importantes a serem retratados são as emoções dramáticas e a linguagem de sinais que os personagens Júlia e Samuel desenvolvem, uma vez que o filme narra o antes e depois do implante feito por Júlia, e como isso acarreta dificuldades de comunicação e picos de conflitos entre o casal.

Entendendo a identificação adequada dos referentes visuais como parte integrante da construção dos sentidos de um texto, é necessário compreender ainda que esse processo se realiza de forma diferente entre pessoas que enxergam e pessoas com deficiência visual. Por essa razão, para o audiodescritor essa preocupação deve ser levada em consideração na hora de construir o roteiro, já que o cego não acessa o mundo da mesma forma que os videntes.

De acordo com Alves (2016), é importante pensar como a audiodescrição pode estar relacionada à percepção estética da obra cinematográfica à medida que enfatizar sua linguagem e os aspectos que a compõem. Como percepção estética a autora entende o mesmo que Kastrup e Moraes:

[...] é aberta e receptiva e, de modo geral, requer mais tempo que a mera experiência de reconhecimento. A experiência de reconhecimento corresponde a uma resposta rápida e automática: isto é um pássaro, isto é uma cabeça. A experiência estética, ao contrário, implica numa suspensão. Ela consiste em se deixar impregnar pelo objeto percebido e em mergulhar nele com atenção, evitando a interrupção precipitada. (KASTRUP; MORAES, 2010, p. 64)

Logo, quando se pensa na AD de uma obra cinematográfica, deve-se também pensar em como esta irá contribuir para a experiência estética do usuário, a pessoa com deficiência visual.

Alves (2016) conta sobre um trabalho feito por estudantes da disciplina Tradução Intersemiótica, na Universidade Estadual do Ceará – UECE, em 2014, que visou à formação do audiodescritor a partir da realização de um filme curta metragem acessível às pessoas com deficiência visual, pensando na acessibilidade desde a sua produção. Neste trabalho concluiu-se que, mesmo a maioria dos

participantes afirmando ter pouco ou nenhum conhecimento técnico sobre cinema antes da disciplina, afirmou considerar importante o conhecimento adquirido sobre a linguagem cinematográfica.

Assim, percebe-se que a partir do momento em que a equipe de audiodescrição possui conhecimento dos elementos que constituem a obra a ser audiodescrita e reflete sobre eles, acredito que tenha melhores condições para realizar seu trabalho de modo a atender ao público alvo. Por isso, este trabalho propõe que dentro da equipe de audiodescrições seja inserido um auxiliar como um cineasta, que poderá dar ao roteirista, ao narrador e ao editor o conhecimento cinematográfico necessário para a produção de ADs.

Contudo, esta pesquisa não foca em trazer para o roteiro audiodescrito termos técnicos do cinema, e sim trazer o conhecimento cinematográfico necessário para o roteirista e narrador audiodescritor, buscando produzir uma AD mais poética e compreensível para o espectador. A equipe deste trabalho, seguindo Santiago Vigata (2016) não concorda com a visão de que “a função da audiodescrição seja necessariamente proporcionar um letramento visual aos cegos. Em meu entendimento, a audiodescrição deve fazer a mediação comunicacional, levando em conta o universo interpretativo do receptor, para possibilitar que ele tenha uma experiência artística.”. Assim como a autora, acreditamos que a maioria das pessoas não vai ao cinema para aprender técnicas audiovisuais, mas sim para terem uma experiência fílmica significativa.

A equipe desta pesquisa segue a linha da autora Josélia Neves (2017), em que utiliza técnicas expressivas e poéticas no desenvolvimento de audiodescrições. Como ela cita na entrevista para o 3º Encontro (Inter)nacional de Audiodescrição<sup>7</sup>:

Não basta olhar, não basta ouvir, é preciso cheirar, é preciso degustar, é preciso tocar, essencialmente, é preciso deixar-se tocar. (CUNHA, Emerson. Audiodescrever com os cinco sentidos. Blog *Medium*. 26 de junho de 2017).

A proposta da autora não vai contra a objetividade, mas propõe ver o olhar e utilizar da língua portuguesa aquilo que tem de mais rico, sua expressividade,

---

<sup>7</sup> 3º Encontro (Inter)nacional de Audiodescrição encontrado em: <https://encontrointernacionalad.com/noticias/>

apontando sempre aos sentimentos. E é esta relevância da língua portuguesa que a roteirista audiodescritora tentou trabalhar nesta pesquisa.



#### 4. Metodologia

Neste capítulo, apresento as metas metodológicas que contribuíram para este trabalho, baseado na pesquisa qualitativa, descrevendo o processo de cada etapa percorrida. Apresento formas mediante as quais o cineasta pode ajudar na produção de audiodescrições, participando como auxiliar da linguagem cinematográfica. Ajudando o roteirista audiodescritor e narrador audiodescritor a imprimir à AD elementos da linguagem cinematográfica, como planos, estética e dramaticidade do filme, tanto no roteiro quanto na narração da audiodescrição. Discorro sobre a produção audiodescritiva do curta-metragem *Cóclea* com base nestes elementos e discuto a reflexão surgida das entrevistas realizadas junto a pessoas com deficiência visual após a exibição do filme audiodescrito.

Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico a respeito dos temas trabalhados (direta ou indiretamente) relacionados a este projeto. Este levantamento teve o intuito de apoiar as explanações desenvolvidas, além de aprofundar meus conhecimentos sobre audiodescrição e dar a devida importância ao tema acessibilidade no cinema.

Quanto ao *corpus*, foi escolhido o curta-metragem *Cóclea* (2015), dirigido por uma ex-aluna de Comunicação Audiovisual da Universidade de Brasília, Isabella Lima. A metodologia foi dividida em quatro etapas: a primeira foi a análise cinematográfica do filme escolhido, feita por mim, contendo todas as informações que poderiam ajudar a transparecer a roteirista audiodescritora, Maria Maíra Viegas de Santana Guimarães, conhecimentos sobre a linguagem e estética cinematográfica, esclarecendo o funcionamento do filme e propondo-lhe uma interpretação. A segunda etapa foi a elaboração do roteiro, juntamente com o auxílio da análise fílmica, por meio de reuniões com a roteirista audiodescritora durante duas semanas, sem muitas dificuldades, consegui compartilhar meus conhecimentos cinematográficos com Maíra, escrevendo, junto com ela, o roteiro audiodescritivo com expressões que se adequassem à análise apresentada.

Na terceira etapa se deu a escolha do narrador audiodescritor, Gabriel Lopes Carvalho, tentando adequar a voz do narrador ao gênero do filme trabalhado. A

gravação e edição da audiodescrição também foram feitas nesta etapa, ambas com o auxílio do cineasta.

E, por fim, foi feita a apresentação do filme audiodescrito para voluntários professores e estudantes do Centro de Ensino Especial para Deficientes Visuais (CEEDV), em Brasília (DF). O encontro contou, não somente com o *feedback* da audiodescrição (AD), mas também um pequeno debate sobre o tema acessibilidade no cinema no Brasil.

Quanto ao tema da acessibilidade, como foi exposto no primeiro capítulo desta monografia, observa-se uma preocupação crescente, pois já vimos a criação de leis e sistemas tecnológicos, que ajudam a pessoa com deficiência visual a adentrar cada vez mais no mundo audiovisual. Contudo, ainda é escassa a participação do cineasta neste meio. Expondo meu ponto de vista, a maioria das aulas que frequentei durante a graduação, o tema acessibilidade foi praticamente deixado de lado. E acredito que sem o conhecimento dos estudantes sobre o tema acessibilidade na Comunicação, não será possível avançar nas pesquisas, debates, produtos etc, que estejam ligados à inclusão da pessoa com deficiência no cinema.

Por isso, espero que com este trabalho consiga mostrar o quão é importante que o círculo cinematográfico adere a discussão sobre inclusão e acessibilidade em suas produções audiovisuais.

#### **4.1 O filme: *Cóclea***

*Cóclea* é um curta-metragem de ficção (2015), produzido por Isabella Lima, que tem como objetivo dar representatividade ao indivíduo com deficiência auditiva. O filme tenta mostrar algumas experiências pelas quais este público passa, como a exclusão e o uso da língua de sinais, e segundo a diretora, sempre evitando tratar do assunto de maneira estereotipada.

O curta conta a história de Júlia e Samuel, um casal com deficiência auditiva que possuem pontos de vista muito diferentes sobre suas identidades surdas. Júlia, que nasceu ouvinte e perdeu a audição já adulta, enxerga a sua surdez com uma deficiência. Samuel, que nasceu surdo, sabe que a surdez é parte de quem ele é. A

história gira em torno de um implante coclear<sup>8</sup>, que devolve a audição à Júlia e cria um abismo emocional entre ela e Samuel.

Isabella (2015) afirma em seu trabalho que escolheu o tema surdez como pretexto para falar sobre um tipo mais grave do fenômeno, aquele que acontece quando não queremos ouvir uns aos outros. As discussões constantes entre Júlia e Samuel mostram o egoísmo de cada um e as contradições dentro de si mesmos.

A escolha deste filme se deu por se tratar também de um tema pouco difundido, que é o das pessoas com deficiência auditiva. Assim como a roteirista e diretora, acredito que esta parcela da sociedade é pouco representada na mídia mundial. Tanto a comunidade surda como a cega aparecem pouco no meio audiovisual e, quando aparecem, muitas vezes é de forma estereotipada.

Espero que com a proposta de audiodescrição este curta-metragem consiga transmitir não somente a estética do filme, mas também um estímulo crítico da comunidade cega perante a comunidade surda, tornando cada vez mais o assunto acessibilidade abrangente, reunindo todas as comunidades com alguma deficiência, a fim de lutarem pela mesma causa: a inclusão no meio audiovisual.

## 4.2 Formação da equipe de produção

A equipe de produção de audiodescrições, de acordo com o blog da Audiodescrição<sup>9</sup>, normalmente é composta de pelo menos três perfis de especialistas: audiodescritor roteirista, audiodescritor narrador e audiodescritor consultor. A única distinção entre a equipe que proponho é a inserção do cineasta nesta produção.

A equipe deste trabalho foi composta por estudantes da Universidade de Brasília (UnB), cada um dando apoio em sua especialidade. Esta equipe foi formada por: Maíra Guimarães, estudante de Letras - Português como Segunda Língua (PBSL), atuando como roteirista audiodescritora; Gabriel Carvalho, estudante de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e a Sociedade de Informação

---

<sup>8</sup> O implante coclear é um dispositivo médico eletrônico para pessoas com perda auditiva de grau severo a profundo. Ele funciona transformando sons em estímulos elétricos que são enviados diretamente ao nervo auditivo. Isso significa que ele substitui parcialmente as células danificadas da cóclea. Site **Oticon Medical**.

<sup>9</sup> Blog da Audiodescrição encontrado em: <http://www.blogdaaudiodescricao.com.br/>

(LEA), como narrador audiodescritor; Viviane Queiroz, estudante de Letras Tradução Inglês, como consultora (pessoa com deficiência visual); e eu, Gabriela Romano, como auxiliar dentro das especificidades do Cinema (Linguagem Cinematográfica).

Conheci os participantes durante as reuniões do projeto de extensão *Cultura e Sociedade: acessibilidade de peças audiovisuais - legendagem e audiodescrição*, vinculado ao grupo de pesquisa Acesso Livre. Este grupo foi apresentado a mim pela professora Helena Santiago Vigata, do Departamento de Letras Estrangeiras e Tradução, também pesquisadora do grupo.

Durante três meses participei das reuniões, o que ajudou muito a conhecer um pouco mais a fundo o trabalho ligado à acessibilidade em produtos audiovisuais. Além disso, facilitou a encontrar pessoas com o interesse na área que estudo nesta pesquisa: acessibilidade no Cinema.

### **4.3 Análise e problematização na produção da AD**

Neste subitem apresentarei o passo a passo do processo de produção da audiodescrição do curta-metragem *Cóclea*, desde a produção do roteiro até a sua apresentação para o público alvo. Destaca-se, além das análises, os desafios de cada etapa.

#### **4.3.1 Análise fílmica e roteiro audiodescritivo**

Após as leituras bibliográficas sobre o tema a ser tratado neste trabalho, demos início à produção do roteiro audiodescrito do filme *Cóclea*. Antes de me reunir com a roteirista audiodescritora, iniciei a produção da análise fílmica do curta-metragem.

É comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (VANOYE, 1994). Analisar é, então, explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme.

Trata-se, acima de tudo, de uma atividade que separa, que desune elementos (Vanoye; 1994). E após a identificação desses elementos, é necessário perceber a

articulação entre os mesmos. Logo, para a análise do *Cóclea* fiz um estudo do memorial escrito pela diretora Isabella Lima, publicado em 2015.

Antes de tudo, assisti o filme ao menos três vezes. Na primeira sessão, assisti ao filme sem maiores preocupações a não ser a de vê-lo e saboreá-lo, como uma espectadora comum.

Na segunda e terceira sessão, anotei rapidamente o que foi aparecendo na tela ou ouvi, pormenorizando, com maior ou menor intensidade, cada momento do filme.

Em seguida, dividi o filme em partes, estas podendo ser caracterizadas, com maior ou menor clareza, pela própria forma como é narrado o filme. Assim, com a própria história pude indicar as partes em que o filme se divide:

- Apresentação do ambiente e dos personagens:



*Figura 8: apresentação do ambiente e personagens*

- Ocorrência de uma complicação da trama com erupção de uma crise ou problema: Júlia colocando o aparelho coclear:



*Figura 9: ocorrência do conflito da trama*

- Complexidade máxima da crise: auge, onde as qualidades do protagonista são exigidas ao máximo: Conflito entre Júlia e Samuel:



*Figura 10: complexidade da trama*

- Ruptura do abscesso: o confronto superado: Júlia retirando o aparelho cóclea:



*Figura 11: ruptura do abscesso*

- Final: Júlia observando Samuel caído no chão:



*Figura 12: final*

Após ter feito as anotações e definido os “pontos de virada” do filme (plot), isto é, depois de caracterizadas as suas partes, pude interpretar e comentar as anotações feitas, ao mesmo tempo em que fazia o estudo do memorial do curta-metragem. Foram observados, em cada parte ou sequência, os seguintes itens: Uso

e função de planos, intensidade de emoções de cada personagem principal, trilha sonora (música e ruídos) e diálogos importantes.

Feito isso, redigi a análise de acordo com o memorial escrito do filme, publicado em 2015 pela diretora e roteirista Isabella Lima. Nele estão dispostas as informações técnicas de cada departamento (direção, fotografia, direção de arte, som etc.).

Ao mesmo tempo em que redigia a análise fílmica, Maíra, como profissional roteirista audiodescritora, assistia e fazia a tradução das imagens para elaborar o roteiro, pensava na estrutura da AD, redigia o texto, calculava o tempo e os espaços em que a audiodescrição poderia ser inserida. Após cada uma ter feito suas indagações de acordo com a sua função (cineasta e roteirista audiodescritora), nos reunimos num período de três semanas.

Durante as reuniões, apresentei um pequeno resumo sobre a trama, além de trazer o principal objetivo que a diretora buscou ao produzir a obra. Em seguida, descrevi o trabalho técnico fílmico (fotografia, direção de arte e som). Todo esse processo assistindo o curta-metragem, juntamente com a roteirista Maíra.

*Cóclea* apresentou como desafio para seus realizadores a fotografia, pois não podiam ser usados planos muito fechados quando os personagens estivessem usando a língua de sinais. Tampouco não foram usados planos com movimentos muito amplos e bruscos, ou prejudiciais à visualização da Libras. A maioria dos movimentos foram em *dolly ins*, ou seja, aqueles que a câmera se aproxima do objeto. São lentos para criar tensão em cenas com pouco movimento, mas com grande carga emocional e, nas cenas finais, foi feito uso de *shoulder*, que se trata de um plano composto por dois atores ou o ator e um objeto, com um deles servindo como referência, geralmente fora de foco e próximo da câmera (plano/contra-plano). Este plano foi utilizado para reforçar a instabilidade emocional de Júlia.

Feita a apresentação das análises, a roteirista audiodescritora conseguiu adaptar as descrições para que se adequassem à linguagem cinematográfica. Abaixo, alguns exemplos de como trabalhamos:

a) Cena do estacionamento:





Figura 13: cena com a audiodescrição

*“Caminhando no estacionamento, Samuel vai à frente. Júlia, atrás, caminha lentamente, atenta ao cascalho sob seus pés.”*

Nesta cena temos o plano geral, que mostra onde os personagens Samuel e Júlia se encontram: Caminhando no estacionamento, Samuel vai à frente. E o PPV de Júlia sobre o cascalho: *Júlia, atrás, caminha lentamente, atenta ao cascalho sob seus pés.*

b) Cena da Júlia assistindo TV com Samuel:



Figura 14: cena com a audiodescrição

*“ ... com a expressão triste, prendendo o choro... ela suspira; as lágrimas escorrem de seus olhos. Suas mãos acariciam os cabelos de Samuel.”*

Aqui buscamos dar mais intensidade às expressões de Júlia, pois a câmera se aproxima lentamente para o rosto dela, formando o primeiro plano: *com a expressão triste, prendendo o choro... ela suspira; as lágrimas escorrem de seus olhos*. Esta cena é de extrema importância para a narrativa, porque trata da evolução emocional de Júlia em sua adaptação com o aparelho coclear.

c) Cena da Júlia arrancando o aparelho coclear:



*Figura 15: cena com a audiodescrição*

*“Sobre a pia do banheiro, o aparelho coclear... Uma faca. [...]. Ela vasculha a gaveta. Na pia, aparelho, cotonetes, faca, estilete.”*

Nesta cena, o enfoque maior é na intensidade dramática, por isso os *closes* nos objetos. Logo, tentemos dar ênfase a eles e, ao mesmo tempo, causar um suspense maior para quem está assistindo.

Percebe-se a preocupação com os planos e intensidade das emoções em cada descrição feita. A roteirista tentou adaptar a audiodescrição utilizando meu auxílio sobre conhecimentos fílmicos, para que seguisse a mesma linha estética do filme: lenta e dramática.

A direção de arte também foi desafiadora, de acordo com o memorial escrito. Como a personagem Júlia havia perdido a audição, a equipe de arte decidiu deixar o lugar onde ela vivia com Samuel cheio de referências visuais, “compensando” essa perda. Pude perceber isso com os objetos artísticos em algumas cenas, como esculturas, pinturas e desenhos, além de um importante objeto: o sino dos ventos. Abaixo segue como trabalhamos esse conceito nas audiodescrições:



Figura 16: cena da audiodescrição

*“[...] Desenhos de mulheres grávidas nuas. Pallets de madeira. Porta branca.”*



Figura 17: cena da audiodescrição

*“Pincéis e espátulas de pintura sobre pallets; escultura de argila de bustos languidamente abraçados. Uma estante de pallets, adornada por esculturas e livros de capa dura.”*



Figura 18: cena da audiodescrição

*“Olhando diretamente para o sino dos ventos, anda até ele; a passos lentos, fixando-o com o olhar. Olha-o de cima a baixo: ele é redondo/ tem placas redondas, azul. ”*

Novamente, me preocupei com a estética e o olhar sensível. O sino dos ventos é um objeto muito importante para a narrativa, além do aparelho coclear, pois aparece logo após Júlia fazer o implante e conseguir a audição novamente.

O figurino foi composto por peças lisas de cores neutras e pastéis. Isso se deve ao fato de que roupas com estampas ou padrões poderiam prejudicar a legibilidade da Libras. Logo, escolhi não dar tanta importância à estética do figurino na AD, pois não fizeram diferença na narrativa.

Uma das minhas maiores preocupações foi como iria trabalhar a língua de sinais na audiodescrição. Foi um processo desafiador, pois não tinha nenhum filme como guia que tivesse falas em Libras audiodescritas.

Escolhi, por fim, colocar créditos em *voice over*, que consiste em uma técnica de tradução audiovisual na qual, ao contrário da dublagem, as vozes dos atores são gravadas sobre a faixa de áudio original que pode ser ouvida em segundo plano antes de dar início ao filme, inserindo um termo guia para o espectador com deficiência visual. O termo utilizado foi “sinaliza”:

*“O curta a seguir possui diálogos em Libras, introduzidos pelo verbo ‘sinaliza’.”*

Como o filme possuía falas em Libras e outras sem língua de sinais, o termo “sinaliza” serviria como guia para o espectador.

Após as reuniões, a roteirista audiodescritora se interessou muito mais em aprofundar seus conhecimentos adquiridos sobre Cinema na audiodescrição. Como ela comentou após me enviar o roteiro finalizado:

A análise fílmica foi eficaz, precisa e didática. Nela encontram-se as principais informações sobre o contexto do curta e os recursos audiovisuais utilizados para criação do efeito desejado pelos produtores. Consegui ter um embasamento muito maior para a produção do roteiro e percebo cada vez mais a importância dos profissionais do cinema para a produção de audiodescrições. Acredito que se eu tivesse tido esse auxílio em outros trabalhos, as audiodescrições que produzi teriam sido muito mais completas.

Finalizado o roteiro, Maíra utilizou um software Subtitle Workshop 2.51 (SW)<sup>10</sup>, para fazer a marcação do tempo de entrada e saída das unidades descritas, a duração dessas inserções e a visualização do filme. Com o software, a roteirista audiodescritora pôde testar se na descrição não havia sobreposição entre a AD e os diálogos do filme. Em seguida, me enviou o roteiro com tais marcações.

#### **4.3.2 Consultoria**

O consultor em AD, de acordo com Mianes (2016), é aquele que realiza o controle de qualidade do produto a partir do ponto de vista dos usuários do recurso. Um consultor é uma pessoa com deficiência visual. Além disso, a presença do consultor dá credibilidade ao trabalho da AD, que passa a ser testado e aperfeiçoado por uma pessoa que, acima de tudo, representa esse público consumidor de audiodescrições.

---

<sup>10</sup> Subtitle Workshop é um programa completo para edição e criação de legendas para vídeos. O programa conta com uma grande variedade de ferramentas e tem utilização extremamente simples e direta. É compatível com uma porção de formatos de vídeo e também é capaz de salvar nos mais diferentes formatos de legendas.

Neste trabalho a consultora foi a estudante Viviane Queiroz, que adquiriu a cegueira após seu nascimento prematuro, em que o oxigênio utilizado na UTI queimou sua retina. Conheci Viviane nas reuniões do grupo de pesquisa Acesso Livre, e acabamos adquirindo um grande laço de amizade.

Em uma das reuniões comentei com ela sobre meu trabalho e, sem hesitar, se ofereceu para trabalhar como consultora.

Com a finalização do roteiro audiodescrito, o enviei para ela, com o objetivo de serem feitas suas avaliações, observações e comentários. Após uma semana, Viviane deu seu *feedback*:

Eu amei a sua audiodescrição! O roteiro está muito bom, muito claro. Percebi que o curta aparenta ser meio triste, o roteiro está cheio de suspense e interações emotivas, o que achei incrível.

Em sua avaliação, ela também deixou sua vivência pessoal em relação à história, pois em uma fase da sua vida fez a cirurgia de enucleação, onde o olho é removido, mas são preservados os músculos que movem o olho:

Eu amei de verdade a audiodescrição, antes mesmo de ser gravada já me deixou bem tocada, bem sensibilizada. [...] eu li o roteiro e me vi um pouco na situação da personagem Júlia, pois eu não consegui me adaptar ao implante e a sensação realmente é de loucura.

Após a consultoria do roteiro, eu pude fazer a preparação da narração da audiodescrição no curta-metragem.

#### **4.3.3 Narração e edição**

De acordo com Mianes (2016), o narrador audiodescritor é aquele que realiza a locução, observando a entonação, a velocidade e a modulação da voz a fim de torná-la a mais adequada possível para a compreensão do público. O roteirista e o narrador podem ou não ser a mesma pessoa, já que, segundo Mianes (2016), em alguns casos ocorre a acumulação das funções pelo mesmo profissional. Não foi o caso deste trabalho, em que a roteirista não foi o narrador da audiodescrição.



Segundo o *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis* (2016), uma boa narração deve ser fluida e não monótona, sem vida. A escolha do narrador foi feita após a professora Helena Santiago Vigata ter me enviado o trabalho de uns dos participantes do grupo Acesso Livre, o estudante Gabriel Carvalho.

Estava muito preocupada em encontrar uma voz que fosse condizente com o gênero do curta-metragem, drama/tragédia. A voz da roteirista Maíra é doce e calma, e não achei que faria uma boa entonação para as cenas dramáticas. Já a voz de Gabriel era intensa e ao mesmo tempo serena, ideal para o que estava procurando.

[...] uma narração neutra, que não leva em conta o tipo do filme, pode comprometer o seu fluxo. Por exemplo, uma narração neutra de um filme de ação pode destoar, enquanto dar um pouco de agilidade à narração pode corroborar para o significado. Da mesma forma, a narração mais pausada, com entonação melancólica, de uma cena dramática, pode contribuir para a dramaticidade. (MOTTA, Livia M.V.; ROMEU FILHO, Paulo (org.) 2010)

Assim, enviei o convite a Gabriel para participar deste projeto. Sem muita demora, o estudante aceitou com entusiasmo. Após a leitura do roteiro, Gabriel comentou:

Pessoalmente me interessei ainda mais pelo projeto após a leitura do roteiro. Além de sólido, o roteiro também é sensível ao tema do curta. Destrincha o vídeo com bons adjetivos e aborda a questão da deficiência auditiva com propriedade.

Feita a leitura do roteiro e assistido o filme, demos início aos ensaios e gravações da audiodescrição.

A narração foi gravada no estúdio de som da Faculdade de Comunicação (FAC), na Universidade de Brasília (UnB). Um dia apenas foi necessário para fazer toda a gravação.

Durante as gravações participei como diretora, auxiliando Gabriel nas entonações de cada cena, tentando moldar sua voz às emoções que transparecem na tela.

No processo de gravação, o narrador assistia ao filme pelo monitor do notebook dentro da cabine, ouvia o áudio original e, em seguida, gravava as falas da



audiodescrição assistindo às cenas sem o áudio. Isto serviu para que a narração ficasse no tempo certo e facilitasse a edição. Eu, como diretora, coordenava o processo, enquanto o operador do estúdio captava o som.

Após as gravações, perguntei a Gabriel o que ele achou de ter participado da equipe e ter sido dirigido na hora de gravar a audiodescrição:

Em outras atividades de audiodescrição nas quais tomei parte, a fragmentação do trabalho me parecia um empecilho na desenvoltura e naturalidade do projeto final, resultando numa colcha de retalhos produzida por muitas pessoas. Em termo mais lúdico, “Frankensteins da audiodescrição.” [...] A experiência foi ainda mais primorosa se me focar somente no trabalho de locução. Uma vez que você primou pelo contato entre as partes desde o começo, me senti à vontade com o roteiro e também com o curta, o qual pude assistir muitas vezes antes do trabalho de locução propriamente dito. O processo de ser dirigido durante a gravação da AD também foi bastante enriquecedor. Como já citei, minha experiência na locução de ADs não é muito vasta, então ter você do meu lado me proporcionou conforto para produzir uma boa locução. Não somente nisso sua presença foi importante, tendo em vista que você me conduziu no processo, com o intuito de gravar um produto final de qualidade.

Os diálogos em Libras foram um dos grandes desafios desta etapa. Escolhi utilizar a dublagem para captar o som das falas dos personagens Júlia e Samuel. Para isso, tive que entrar em contato com os atores do curta-metragem.

Entrar em contato com a atriz era a prioridade, pois ela tinha falas sem utilizar a língua de sinais no filme. Então, caso eu tivesse que utilizar outra atriz para dublar, ficaria muito destoante no curta, acarretando uma narrativa confusa para o espectador. Por sorte, consegui entrar em contato com a atriz original, marcamos o dia e fizemos a gravação do áudio das falas em Libras.

Já o ator que interpretou Samuel foi mais difícil de contactar. Como ele não possuía nenhuma fala sem Libras, fui em busca de outro que poderia interpretar sua voz. Escolhi o ator e estudante de Audiovisual Matheus Leonardo Santos, que se voluntariou para participar das gravações.

O dublador cede a voz, a entonação correta, a habilidade interpretativa, a própria respiração disposta na hora mais apropriada aos personagens de determinada obra.

Este processo de dublagem foi dirigido da mesma forma como foi trabalhado com o narrador, sempre moldando as entonações de cada cena.

Finalizado as gravações da audiodescrição e das dublagens, dei início a etapa de edição.

A edição da AD do filme *Cóclea* foi feita pela estudante de Audiovisual Isabella Flores. Fiz a escolha dela por já termos trabalhado em outros projetos durante a graduação. Foi confortável editar, pois já conhecia seu método de trabalho, e não trouxe dificuldades de comunicação. E, de certo modo, foi um momento recreativo.

Antes de iniciarmos a edição, apresentei o projeto e como se deu a sua produção, deixando Isabella mais familiarizada com o produto. Nos reunimos no período de três dias para editar.

Como o roteiro já possuía os tempos iniciais e finais das inserções da AD, as unidades descritivas, as deixas, ou seja, a última fala antes de entrar a AD, e as rubricas, que consistem nas instruções para a narração da AD, foi rápido o processo de edição.

Contudo, o curta-metragem possui picos de áudio, que muitas vezes atrapalhavam o entendimento da narração audiodescrita, mesmo nas cenas sem falas.

Isabella e eu decidimos, então, abaixar um pouco o volume de alguns momentos do curta, sem que isso afetasse a dramatização e a compreensão da audiodescrição. Em outros, aumentamos o áudio da narração audiodescrita, que foi o caso da cena final do filme.



*Figura 19: cena final do filme*

Por fim, Isabella também deu sua opinião sobre a participação no projeto e o que achou da participação da cineasta dentro do ambiente de produção da AD:

Nunca tinha editado uma audiodescrição antes, foi a primeira vez. Do pouco que conhecia sobre, parecia ser uma coisa bastante técnica, fria, bem literal. Quando comecei a editar deu para ver de cara a diferença do seu projeto, a preocupação de fato com o espectador. [...] não foi só falar o que estava acontecendo, tinha toda uma preocupação em adaptar a linguagem do cinema para outra linguagem, usando outros recursos, mas sempre tentando manter as sensações do filme. Eu acho que fez toda a diferença ter pessoas do audiovisual envolvidas e pessoas que de fato entendem dessa linguagem, e fazer a edição pensando em todos esses fatores foi muito importante.

Terminada a etapa de edição, dei início à outra etapa do projeto: a apresentação para o público alvo.

#### **4.3.4 Apresentação**

No fim do mês de setembro do ano de 2018, no Centro Especial de Ensino para Deficiente Visuais (CEEDV), realizei a entrevista aberta relacionada à audiodescrição do filme *Cóclea* com a finalidade de obter dos participantes

informações acerca do entendimento fílmico e reflexões sobre a forma de realização da AD proposta no trabalho.

A entrevista aberta é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações do entrevistado sobre determinado tema, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão. Ela é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos (MINAYO, 1999).

Como fundamentação para esta pesquisa, na entrevista foram buscados dados propostos por Minayo, que tratou das opiniões, atitudes e valores, além de uma entrevista não-estruturada, que, segundo o autor, pode ser feita oralmente ou por escrito mas, tradicionalmente, inclui a presença ou interação direta entre o pesquisador e os atores sociais e é complementada por uma prática de observação participante.

Para o procedimento de transcrição da entrevista foram utilizadas sugestões de Marcuschi (1986), onde os falantes foram indicados com siglas e foram grafadas as palavras expressivas (*risos*). Então, neste trabalho, a fala dos professores é indicada por P e a dos alunos com A.

Diante das considerações, entendi como fundamental analisar a ponderação de pessoas com deficiência visual, e professores que trabalham com elas, perante a presença da AD do filme *Cóclea*. Assim, ouvir a análise que eles fazem da versão apresentada é importante para auxiliar na compreensão, tanto das preferências destes grupos, quanto nos direcionamentos que a equipe de audiodescrição poderão dar às audiodescrições. E, também, abre caminho para novas perspectivas para a acessibilidade no Cinema no Brasil.

O filme foi apresentado em uma das salas de reuniões do CEEDV, logo não havia disponíveis equipamentos de áudio, como fones, para os estudantes participantes poderem assistir. O dia da apresentação também estava muito quente e, mesmo com os ventiladores, foi preciso deixar as janelas abertas para não causar um desconforto aos espectadores, dificultando um pouco o silêncio absoluto. Contudo, utilizei uma caixa com qualidade de som para melhorar o áudio do curta.

Ao apresentar o curta-metragem com a audiodescrição para eles, as contribuições de seus comentários se deram, principalmente, com relação ao estímulo emocional que o filme lhes causou, além de comentários sobre a produção da AD. Outro ponto que se destacou fortemente na fala deles foi a importância da equipe de cinema na produção de audiodescrições e a opinião sobre acessibilidade no cinema.

Primeiramente, os cinco estudantes com deficiência visual que assistiram ao curta deram sua opinião pessoal sobre o filme, apresentando seu senso crítico para com a obra:

A1 - “Achei a história um pouco real. Parte deste casal me lembrou a história de um amigo, que não acompanhou a adaptação da esposa com o implante.”.

A2 - “Muitas vezes meus colegas me criticam porque eu não quero voltar a enxergar, exatamente por conta dessas adaptações que a personagem Júlia teve. E o surdo possui esta mesma discussão, pelo que podemos ver no filme.”.

A3 - “Esta questão é muito enfática, que poderia levar a campanha com o pessoal de Libras sobre o transplante.”.

Em seguida eles destacaram os pontos técnicos da audiodescrição apresentada:

A1 - “O filme não teve espaço para descrever os personagens. Contudo, foi possível compreender 90% da narrativa.”.

A2 - “Foi muito bem descrita a narrativa, consegui visualizar bem os ambientes e principalmente as emoções. Até fiquei tenso na cadeira em alguns momentos (*risos*). Os áudios, em algumas partes da AD, poderiam estar um pouco mais altos.”.

A3 - “Consegui identificar muito bem as falas em Libras. Inclusive achei muito interessante a forma que foi colocado a identificação destas falas, tanto que sabia quando a Júlia falava em Libras e quando não.”.

A4 - “Achei muito legal a dublagem, pois foi mais intenso e mais fácil de identificar os personagens. A interpretação da dublagem ficou muito boa. Parabéns!”.

A3 - “Adorei o contexto da tela escura, que transparece a troca de cena e também para digerir as emoções que foram passadas na cena anterior.”.

Outro estudante completou a fala:

A1 - “Ainda mais porque o filme tem muitos picos de emoções, então eu também gostei da forma como foi usado a tela escura.”.

A2 - “Gostei muito da intensidade dos objetos, o que acarretou a importância deles e a intensidade de emoções conforme vai passando a cena. Confesso que a ansiedade foi presente comigo, principalmente na hora que falam dos objetos na pia. Fiquei tipo ‘meu Deus socorro, ela vai se matar?’”.

A3 - “Tanto que segurei bem firme a bengala nessa hora (*risos*)”.

Percebe-se que foi possível transmitir a linguagem cinematográfica no roteiro audiodescrito, tornando a dramaticidade do filme presente nas emoções dos espectadores. Além da direção nas dublagens que ajudaram a incorporar melhor as emoções dos personagens.

Questionei sobre a trilha sonora, que o filme não possui, e eles rebateram:

A1 - “Mas tinha um barulhinho no filme que serviu como trilha eu acho. Que identificamos como o aparelho auditivo. No começo ficou difícil compreender do que

se tratava o barulhinho, mas conforme foi passando o filme foi possível compreender o que era.”.

P1 - “Creio que foi proposital, porque nem nós (professores com visão) conseguimos saber o que era este barulho no começo, só depois.”.

Logo após a opinião dos alunos, dei espaço para que os professores também dessem seu *feedback*:

P1 - “Assisti de costas e de olhos fechados para ter melhor percepção, e tive muitos aprendizados inclusive.”.

P2 - “Concordo com os alunos em relação ao áudio em algumas partes do filme: na parte em que ela anda no estacionamento e escuto os passarinhos não sei se é do filme ou daqui da escola. Ou seja, os sons devem possuir muita clareza e acho que um local mais silencioso seria melhor para ser passado.”.

P3 - “O trabalho eu entendi totalmente, todas as ações, o contexto, a crítica. Ficou muito bom, consegui perceber emoções durante o filme com a AD.”.

P4 - “Inclusive quero fazer um realce das emoções: as impressões da plateia também interferem na AD, (alunos concordam) então na hora do corte, escutamos “ai meu Deus” “Nossa! ”. Então a intensidade ficou muito maior.”.

P5 - “Percebi que uma das falas não foi para a AD “desculpa nada”.”

Falei sobre a escolha que tive que fazer, em colocar a fala ou a audescrição da cena. E os alunos rebateram e comentaram:

A1 - “Deu a entender que ela realmente não queria conversa com ele (*risos*) e como é uma cena dinâmica, ficou boa a lógica que você usou.”.

P1: “Ficamos também muito tensos em determinadas cenas e gostei de ver a expressão dos alunos também, então deu para ver a participação deles dentro do filme. Todos ficamos muito tensos (*risos*).”.

Finalizando a entrevista, perguntei o que achavam sobre as produções de audiodescrições com a presença de uma cineasta e a opinião de todos os participantes (alunos e professores) sobre a acessibilidade no Cinema:

A1 - “Acredito que o profissional do Cinema deve estar presente na criação da AD, até mesmo quando estiver sendo produzido o filme, e não somente adaptar depois que o filme estiver finalizado. Pois quem escreve: o diretor, roteirista, toda a equipe, eles sabem como produzir e possuem conhecimento, sobre para que serve a Linguagem do Cinema dentro do filme. Acho muito importante a participação deles na acessibilidade.”.

A2 - “Acho que se realmente gravar junto (com a produção do filme) ao invés só do filme já pronto melhoraria com certeza essa diferença de som, porque na verdade o audiodescritor nem pode mexer muito na questão sonora do filme, pois perderá toda a estética. Então, acredito que o cineasta presente na produção de audiodescrições seria de muita relevância para nós entendermos muito mais a narrativa do filme.”.

P1 - “Falando como profissional da educação, e uma pessoa que convive com eles e sabe da dificuldade que eles passam, eu acho que quanto mais gente participando e tendo conhecimento da acessibilidade, melhor. Conheci pessoas do meio audiovisual que nem sequer sabem o que se trata a audiodescrição, então é necessário que essas pessoas comecem a fazer parte deste universo, até mesmo para divulgar em eventos, no meio acadêmico do Cinema, para conscientizar as pessoas a darem importância a esse assunto.”.

P2 - “Precisamos avançar! Inclusive faço o convite para você, como cineasta, a conhecer os alunos de teatro daqui. Acho que iria enriquecer muito o trabalho de



vocês nas produções de filmes, até mesmo para conhecer mais a fundo a vida dessas pessoas.”.

As falas dos entrevistados vêm para fundamentar a necessidade que trago, nesta pesquisa, de propor um novo caminho de produção para audiodescrição: inserir o cineasta.

## 5. Considerações finais

O Cinema em sua estrutura, por meio de narrativas estabelecidas com arte e inventividade, exerce o poder de entreter e suscitar encanto nos espectadores (FARIAS, 2016). E com o avanço das técnicas e a necessidade de acesso, a AD foi criada para tornar uma produção audiovisual acessível às pessoas com deficiência visual.

Logo, para o espectador com deficiência visual, as histórias se completam de acordo com a forma como são transmitidas as representações estéticas do filme, através da audiodescrição.

Acredito que, ao assistir um filme, a intenção do filme é comover, no sentido de provocar o estado de ânimo do apreciador, movendo-o para dentro da história. E é isso que a técnica cinematográfica tenta fazer: levar o espectador para dentro da tela.

Com o intuito de trazer um produto que atendesse os significados poéticos de cada cena, de cada plano, de cada som, propus a inserção do cineasta dentro da produção de audiodescrições, a fim de auxiliar, com conhecimentos cinematográficos, o roteirista e narrador audiodescritores.

O que se percebeu diante da pesquisa realizada é que uma equipe de audiodescrição com um cineasta pode interferir muito no resultado da AD. O cineasta servindo como auxiliar no roteiro, na narração e edição do produto, pode inserir a estética do filme em cada etapa de produção, desde o roteiro à interpretação da narração, tudo de acordo com o gênero fílmico.

Com o intuito de transmitir os conhecimentos técnicos necessários de cada cena, a análise fílmica serviu para que a roteirista audiodescritora conseguisse fazer uma adaptação mais clara e expressiva da audiodescrição, sem perder o enfoque estético do curta-metragem. Além disso, com o auxílio da cineasta na direção da narração, o narrador audiodescritor conseguiu aprimorar seu trabalho vocal, tornando a AD do filme mais de acordo com seu gênero: o drama.

Isto pode ser fundamentado através das falas não somente da equipe que trabalhou comigo, mas também dos alunos do CEEDV, que possuem deficiência visual e que vivenciam todo o tipo de barreiras no meio audiovisual.

Na pesquisa foi possível visualizar que uma equipe composta por profissionais de cada área específica (auxiliar da linguagem audiovisual, roteirista audiodescritor, narrador audiodescritor, consultor e editor) ajuda na organização do produto, além de não acumular funções. Foi possível, também, perceber que cada função no processo tem sua devida importância nas fases da audiodescrição.

Para futuras pesquisas, é importante registrar uma possível limitação do trabalho, pois o número de entrevistados com deficiência visual foi pequeno. Vale ressaltar também que esta pesquisa tem validade externa limitada, já que foi feita, majoritariamente, com pessoas que já possuíam experiência em assistir filmes com audiodescrição e, portanto, os resultados aqui encontrados não podem ser generalizados.

Assim, este trabalho espera contribuir para a acessibilidade no cinema, esclarecendo um pouco a forma como o cineasta pode estar presente na equipe de produção de audiodescrições. Além de inspirar futuros e atuais profissionais do cinema a entrarem neste meio de acessibilidade audiovisual, como forma de incentivo.

Espero que este trabalho também sirva como instrumento de incentivo aos professores do curso de Audiovisual, elucidando-os da importância do tema de acessibilidade no Cinema, com o intuito de produzirem mais pesquisas na área, criando disciplinas e eventos dentro da Universidade de Brasília e pelo país afora.

## Referências bibliográficas

ANCINE. PORTARIA ANCINE Nº 41-E, DE 15 DE MARÇO DE 2017 - REGULAMENTO DO **PROGRAMA DE APOIO à Distribuição de Conteúdo Acessível no Segmento de Exibição Cinematográfica**. 2017. Disponível em: [https://www.ancine.gov.br/sites/default/files/REGULAMENTO%20DO%20PROGRAMA%20DE%20APOIO%20%C3%A0%20Distribui%C3%A7%C3%A3o%20de%20Conte%C3%BAdo%20Acess%C3%ADvel%20no%20Segmento%20de%20Exibi%C3%A7%C3%A3o%20Cinematogr%C3%A1fica\\_0.pdf](https://www.ancine.gov.br/sites/default/files/REGULAMENTO%20DO%20PROGRAMA%20DE%20APOIO%20%C3%A0%20Distribui%C3%A7%C3%A3o%20de%20Conte%C3%BAdo%20Acess%C3%ADvel%20no%20Segmento%20de%20Exibi%C3%A7%C3%A3o%20Cinematogr%C3%A1fica_0.pdf)

ALVES, Soraya F., GONÇALVES, Karine N., PEREIRA, Tomás V. **A estética cinematográfica como base para o desenvolvimento de uma estética de audiodescrição para a mídia e para a formação do audiodescritor**. In Revista Tradução e Comunicação. N. 27. São Paulo: Anhanguera, 2013. pp. 139-161. Disponível em <http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/7877>

ALVES, Soraya Ferreira. **Audiodescrição para deficientes visuais: por um modelo de audiodescrição brasileiro para a mídia**. Disponível em: [www.let.unb.br/posgraduacao/index.php?option=com\\_content&view=article&id=53&Itemid=62](http://www.let.unb.br/posgraduacao/index.php?option=com_content&view=article&id=53&Itemid=62) #. Acessado em 4 mar. 2015.

ÁVILA, Rodrigo Viana de; COSTA, Laís de Paula Fiuza. **Exposição Identidade pela fotografia: construção e resgate da identidade na Comunidade Novo Aarão Reis**. Leiria, PT: Instituto Politécnico de Leiria, 2011.

BRANIGAN, Edward. **O plano-ponto-de-vista**. In: Ramos, Fernão Pessoa (Org.) Teoria contemporânea do cinema, Vol. 2, Documentário e narrativa ficcional. Senac, São Paulo, 2005. pp. 251–268.

BRASIL. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10133.html](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.html).

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

BRASIL. Ministério das Comunicações. Portaria 310, de 27 de junho de 2006. Aprova a Norma nº 001/2006 - **Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão**. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, n.122, 28 jun. 2006. Seção 1, p. 34.

BRASIL. **INSTRUÇÃO NORMATIVA nº. 128**, de 13 de setembro de 2016. ANCINE. Dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos de acessibilidade visual e auditiva a serem observados nos segmentos de distribuição e exibição cinematográfica.

METZ, Christian. **Linguagem e cinema**. Tradução de Marilda Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MIANES, L. Felipe. **Consultoria em audiodescrição: alguns caminhos e possibilidades**. Livro **Audiodescrição: práticas e reflexões**. 1ª edição Santa Cruz do Sul, RS, 2016.

**Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência** / Luiza Maria Borges Oliveira / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília : SDH-PR/SNPD, 2012.

CASTRO, A. M. D. A. **Um salto para o futuro: uma solução na capacitação do professor**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, UFRN, 1998.

CHAIA, M. **Cinema: político desde o nascimento**. Disponível em: [https://www.pucsp.br/revistaaurora/ed5\\_v\\_maio\\_2009/colunas/download/ed5/5\\_coluna.pdf](https://www.pucsp.br/revistaaurora/ed5_v_maio_2009/colunas/download/ed5/5_coluna.pdf). Acesso em 01/05/2013.

DAVID, Jéssica; HAUTEQUESTT, Felipe; KASTRUP, Virginia. **Audiodescrição de filmes: experiência, objetividade e acessibilidade cultural**. Fractal: Revista de Psicologia, Vol. 24 – No. 1, p. 125-142, Jan./Abr. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198402922012000100009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198402922012000100009&script=sci_abstract&tlng=pt) . Acesso em 29/06/2013).

DELEUZE, Gilles. **La image-movimiento – estudios sobre cine 1**. Barcelona: Paidós Comunicación, 1984.

DÍAZ CINTAS, J; REMAEL, A. **Audiovisual Translation: Subtitling**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2007.

Documentário **Janela da Alma**. 2001. de João Jardim e Walter Carvalho.

Documentário **D.W. GRIFFITH: FATHER OF FILM**. 1993. Directed by David Gill and Kevin Brownlow.

FANTIN, Mônica. **Crianças no Cinema: Fragmentos e olhares**. In: Presente! Revista de Educação - Ano 13, nº 49, Salvador, BA, jun/2005, pp 13 - 19.

FARIAS, Sandra Regina Rosa. **AUDIODESCRIÇÃO E A POÉTICA DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: UM ESTUDO DE CASO DO FILME ATRÁS DAS NUENS**. Salvador- BA, 2013.

**Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis**. 2016. Ministério da Cultura e Secretaria do Audiovisual. Disponível em: <https://inclusao.enap.gov.br/wp->

<content/uploads/2018/05/Guia-para-Producoes-Audiovisuais-Acessiveis-com-audiodescricao-das-imagens-1.pdf>

IBGE. **Pesquisa de Informações Básicas de Municipais** (Munic). 2014. Disponível em:

[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/2014/default\\_publicacao.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/2014/default_publicacao.shtm)

KASTRUP, Virgínia. **Atualizando virtualidades: construindo a articulação entre arte e deficiência visual**. In: MORAIS, M., KASTRUP, V. (org.). Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau, 2010, p. 52- 73

LIMA. Isabella. **Memorial escrito do curta-metragem Cóclea**. Trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social, Brasília, Universidade de Brasília. 2015.

MACHADO, F. O. **Para inglês ouvir: política de adoção da audiodescrição na TV digital do Reino Unido**. Revista Brasileira de Tradução Visual, [S.I.], v. 2, n. 2, 2010. Disponível em: Acesso em: 18 jul. 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

MARTÍN, Manuel Bueno; BUENO, Salvador Toro. **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. Tradução de Magali de L. Pedro. São Paulo: Santos, 2003.

MARTIN, M. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MOTTA, F. **De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental**. Rio de Janeiro, Tese de doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

NEVES, J. **Guia de audiodescrição imagens que se ouvem**. 1ª edição. Lisboa: INR, IP; Leiria: IPLeiria. Capítulo 10 – Brev(íssima) história da audiodescrição em Portugal, 2011.

ORMELEZI, E. M. **Inclusão educacional e escolar da criança cega congênita com problemas na constituição subjetiva e no desenvolvimento global: uma leitura psicanalítica em estudo de caso**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SALES, W. B. **A construção do referente Bezerra de Menezes na audiodescrição do filme Bezerra de Menezes: O diário de um espírito**. 105 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2012.

SANTIAGO VIGATA, Helena. **A experiência artística das pessoas com deficiência visual em museus, teatros e cinemas: uma análise pragmaticista.** Brasília, 2016. Tese (Doutorado - Doutorado em Comunicação) -Universidade de Brasília, 2016.

SANTOS, Admilson; SILVA, Luiciene Maria; FARIAS, Sandra Regina Rosa. **O olhar, a palavra e a audiodescrição (AD).** Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 26, n. 50, p. 63-76, set./dez. 2017.

SVOA. **Curso de Introdução à Audiodescrição.** Belo Horizonte: SVOA, MG, 2013. 29 p. (Apostila para curso de treinamento).

TELES, Veryanne Couto. **AUDIODESCRIÇÃO DO FILME A MULHER INVISÍVEL: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO À LUZ DA ESTÉTICA CINEMATOGRAFICA E DA SEMIÓTICA.** Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2014, 103 f. Dissertação de mestrado.

VANOYE, Francis; GOLLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a Análise Fílmica.** Campinas, SP, Papirus, 1994.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência.** São Paulo: Paz e Terra, 2008. 2ª impressão 2012.

## APÊNDICES

### AD Cóclea

Roteiro audiodescrição versão final

**00:01** (Créditos em voice over)

O curta a seguir possui diálogos em Libras, introduzidos pelo verbo “sinaliza”

**00:14** Sino dos ventos.

**00:21** Desenhos de mulheres grávidas nas.

**00:26** Pallets de madeira. Porta branca.

**00:32** Pincéis e espátulas de pintura sobre pallets; escultura de argila de bustos languidamente abraçados. Uma estante de pallets, adornada por esculturas e livros de capa dura.

**00:54** Ao lado, um rádio stéreo. Ao chão, a caixa do aparelho.

**01:01** Cóclea.

**01:08** Um casal jovem dorme lado a lado.

**01:15** Ele se mexe, coça o nariz. Ela esfrega os olhos, mexe-se, abre os olhos, arruma-se na cama, fixa o olhar no teto, pensativa. Ele também acorda, vira a cabeça para o lado dela, estica o braço e a abraça, beija sua bochecha. Ela retribui o carinho, vira-se para ele. Sinaliza:

**01:58** [Júlia] – Tive um sonho estranho

[Samuel] – Que?

[Júlia] – Você falava e falava, mas eu não ouvia

[Samuel] – Claro

[Júlia] – Não! Eu já ouvia normal, mas não te ouvia.

**02:19** Ele toca carinhosamente a ponta do nariz dela e se aconchega em seu colo. Ela afaga o cabelo dele e olha, ao longe, pensativa.

**02:30** Tela escura.

**02:33** Júlia está deitada em uma maca de hospital. Samuel, sentado à beira da maca, chama sua atenção e mostra a tela do celular para ela. Sinaliza:

**02:48** [Júlia] – Você acha que se tivéssemos um filho, ele nasceria surdo?

[Samuel] – Não sei... Se ele nascesse surdo, qual o problema?

[Júlia] – Não sei... Acho que ele podia fazer um implante.

[Samuel] – Podia. Mas e se ele não quisesse?

**03:11** Ela olha confusa para ele, com a testa franzida. Recosta-se na maca. Olha ao longe.



**03:22** Tela escura.

**03:25** Júlia está sentada em um consultório, o médico examina seu ouvido, toca as laterais de sua cabeça.

**03:36** Uma intérprete, no consultório, ao lado de Samuel sinaliza para Júlia. [libras] Ela acena positivamente.

**03:43** O médico pega o cóclea em sua mesa.

**03:46** Samuel, sentado em frente à Júlia, segura as mãos dela e as beija. Olha para ela.

**03:52** Júlia inclina a cabeça enquanto o médico instala o aparelho em sua orelha. Ela fecha os olhos, torna a abri-los.

**04:05** [Médico] -Júlia, você consegue me ouvir?

**04:08** Abre um grande sorriso e balança a cabeça positivamente. Samuel e a intérprete sorriem com ela.

**04:16** Tela escura.

**04:22** Caminhando no estacionamento, Samuel vai à frente. Júlia, atrás, caminha lentamente, atenta ao cascalho sob seus pés. Chegando ao carro, ela tenta tirar o adesivo indicativo de surdez do vidro traseiro, enquanto Samuel está atrás do capô do carro. Ela retira o adesivo aos poucos; Samuel fecha o capô e a assusta; ela gruda o adesivo de novo.

**04:56** Dentro do carro. Sinaliza:

**05:00** [Júlia] – Que?

[Samuel] – Que?

[Júlia] – Você falou comigo?

[Samuel] – Eu só disse “que”

[Júlia] – Não. Você falava comigo de verdade.

[Samuel] – Eu sempre falei de verdade.

**05:19** Júlia vira-se para a frente, franze a testa.

**05:25** Os dois chegam em casa. Ao entrar, Júlia balança as chaves nas mãos e encosta-se na mesa. Samuel vai para outro cômodo. Ela o observa sair, deixa as chaves na mesa

**05:42** e vai até o rádio stéreo, toca em seus botões, ajusta a frequência; coça a cabeça, observa-o com atenção. Ela sorri, engole seco.

**06:14** Da porta de outro cômodo, Samuel a observa mexer no stéreo.

**06:23** Sino dos ventos.

**06:26** A porta da casa se abre, é Samuel. Ele chega com sacolas do mercado e as coloca sobre a mesa.

**06:33** Olhando diretamente para o sino dos ventos, anda até ele; a passos lentos, fixando-o com o olhar. Olha-o de cima a baixo: ele é redondo/ tem placas redondas, azul.

**06:47** Júlia trisca no sino e assusta Samuel; coloca-se ao lado dele. Os dois se entreolham e voltam o olhar para o sino dos ventos.

**06:56** Samuel está na cozinha lavando a louça. Júlia grita.

**07:04** - Samuel, para de fazer barulho, Samuel! Samuel! Para de fazer barulho, Samuel!

Júlia chega à cozinha e o cutuca. Sinaliza:

[Júlia] – Para de fazer barulho!

[Samuel] – Eu, barulho? Nada a ver.

[Júlia] – Sim, você!

[Samuel] – Tá, e daí? Eu não sei não fazer barulho. Eu nem sei como eu faço barulho.

**07:32** Ela encara Samuel, respira fundo e sai da cozinha levantando os braços.

**07:38** Samuel volta a lavar a louça.

**07:40** Tela escura.

**07:43** Samuel está agachado em frente ao rádio stéreo, mexendo em seus botões. Ao tocar em um botão, o rádio se abre. Ele tapa a boca com a mão.

**07:56** De longe, encostada na parede da sala, ainda vestida de camisola, Júlia o observa.

**08:02** Ele passa as mãos nos botões do rádio. Júlia vai em direção a ele, se ajoelha em sua frente. Ele desvia o rosto; ela segura o queixo dele para chamá-lo para si. Sinaliza:

**08:14** [Júlia] – Desculpa!

[Samuel] – Lembra quem só fez o implante foi só você.

[Júlia] – Nossa, qual o problema? Se eu posso ouvir, também quero falar!

[Samuel] – Não comigo!

**08:36** Júlia levanta-se e sai da sala a passos firmes. Samuel respira fundo e olha para ela saindo.

**08:40** No banheiro, diante do espelho, Júlia passa creme em seus braços, ainda enrolada na toalha de banho. Limpa o ouvido com um cotonete. Ao tirá-lo, vê que sua ponta está suja de sangue. Olha preocupada para o cotonete. Coloca o dedo na orelha, passa a mão lentamente sobre o rosto; observa o cotonete, olha-se no espelho.

**09:09** Na sala, escura, o casal assiste a um filme.

**09:14** Samuel está sentado no chão, encostado em Júlia, deitada no sofá. Júlia massageia as mãos enquanto assiste à tv, respira fundo, faz um cafuné de leve na cabeça de Samuel, olha para ele. Ele fecha os olhos ao receber o carinho, vira-se para ela, estica-se e a beija, senta-se de novo e olha para a tv.

**09:49** Júlia continua a fazer cafuné em Samuel, olha-o longamente, vira o rosto para o outro lado; com a boca amuada, o olhar baixo... Olha para a tv. Seus olhos lacrimejam. Samuel boceja.

**10:01** Júlia olha para ele; com a expressão triste, prendendo o choro, ela suspira; as lágrimas escorrem de seus olhos. Suas mãos acariciam os cabelos de Samuel. Ela olha para a tv.

**10:33** À luz do dia, sentada à mesa, Júlia come um pão com talheres. Mastiga calmamente, franze o cenho, pousa garfo e faca no prato, ajusta o cóclea na orelha. Franze o cenho, levanta a cabeça.

**11:14** Na sala escura, Júlia assiste televisão. Samuel chega na sala e também senta no sofá, distante de Júlia. Ele tira o celular do bolso, coloca os pés em cima do sofá e mexe no celular. Júlia, com a cabeça encostada na mão, olha para a tv.

**11:41** Samuel estala os dedos, olhando da tela da tv para a tela do celular. Na tv, um homem de branco... Uma mulher que o chama.

**12:00** Júlia pisca longamente e olha para Samuel, olha de novo para a tv, respira fundo, pisca.

**12:12** Na tela, um homem retira o telefone do ouvido e coloca-o de novo no gancho.

**12:18** Samuel olha atentamente para a tela do celular. Continua estalando os dedos, arregala os olhos.

**12:29** Júlia grita:

**12:31** - Para! Para Samuel! Para de fazer barulho. Você faz o barulho o dia inteiro Samuel eu to ficando louca já. Eu to ficando louca por sua causa. Mas que merda, VOCÊ É MUITO EGOÍSTA SAMUEL, QUE MERDA!

**12:45** Samuel olha para Júlia, sem se mover. Na tv, o homem está ajoelhado com a cabeça entre as pernas.

**12:52** Júlia está no banheiro, com os cabelos soltos, a lavar as mãos. Ela passa as mãos no rosto, esfrega-o. Com o olhar baixo, volta-se para o espelho, para os cantos do banheiro; ela abaixa a cabeça, encosta-se na pia; olha repentinamente para o alto... e para baixo.

**13:26** No quarto, com uma almofada apoiada no colo, Júlia desenha. Olha para o lado, para o desenho, para a porta do quarto... Volta a desenhar.

**13:50** Olha para o lado, morde os lábios, arruma a coluna e deixa desenho sobre a cama; levanta-se sai do quarto.

**14:07** Parada no portal do quarto, ela olha para o sino dos ventos na varanda; ereta, anda lenta e diretamente em direção ao sino, que balança ao vento.

**14:29** Ela o observa, respira fundo.

**14:37** Alguém segura a radiografia de um crânio em frente a Júlia.

**14:41** [Médico] - É... eu vou ter que encaminhar a Júlia para um psicólogo. A Júlia não tem nada de errado. Se você tivesse nascido surda, tudo bem... Mas já era pra ela ter se acostumado a ouvir de novo. O implante foi um sucesso. O aparelho não tem nada de errado, tá funcionando perfeitamente.

Sinceramente...já não é mais comigo. Júlia, você tem que ter mais força de vontade, querer mais. Você tá entendendo?

**15:18** Júlia balança os ombros e olha para o médico, sentado à sua frente; pisca, calada.

**15:31** Júlia está em sua casa, em pé, encostada na parede da sala, olha Samuel de longe, sentado à mesa, a chorar. Samuel morde um pão. Júlia se aproxima e se encosta na cadeira em frente a Samuel; os dois se olham. Samuel larga o pão e chora. Ela olha para ele e respira fundo.

**16:05** No quarto, luzes apagadas, Júlia, sentada, encolhida na cama, olha para cima, respira fundo, coça o nariz, tira o cóclea da orelha, olha para ele, coloca-o sobre o criado mudo, cuidadosamente.

**16:31** O olhar de Júlia vagueia,

**16:43** ela passa a mão na testa, esfrega-a , inspira.

**16:52** Na sala, à mesa, Júlia desenha. Samuel a cutuca. Sinaliza.

**17:00** [Samuel] – Vamos, Júlia. Eu to morrendo de fome e ainda falta passar no banco.

**17:05** Júlia volta a desenhar. Sinaliza.

**17:10** [Samuel] – Presta atenção, to falando com você! Vamos comer!

[Júlia] – Para! Você só quer me irritar!

[Samuel] - Você ta louca, eu não fiz nada! Levanta logo e vamos embora, por favor!

[Júlia] – Cala boca!

[Samuel] - Você tá louca, Júlia! Esse aparelho te deixou uma babaca!

**17:28** Júlia senta-se de novo, tapando a boca.

**17:31** Samuel vai para o sofá, a passos firmes, cenho franzido. Júlia rabisca o papel com força, esfrega o rosto, levanta-se e empurra Samuel no sofá. Sinaliza.

**17:42** [Júlia] - Você não me apoia em nada! Minha vida mudou e você só se preocupa com você mesmo e com essa sua invejinha imbecil!

**17:51** Ele a ignora, continua mexendo no celular. Ela toma o celular da mão dele... Eles se estapeiam e Samuel dá uma tapa no rosto de Júlia.

**18:00** Júlia deixa-se caída no sofá.

**18:02** Samuel leva as mãos ao rosto. Sinaliza:

**18:07** [Samuel] – Desculpa!

**18:13** Ela não o olha; retira o cóclea; empurra Samuel...Passa a mão no rosto.

**18:26** Samuel a segura, chama sua atenção; ela levanta, vai para o outro lado da sala, atrás do sofá, volta e estapeia Samuel, soca-o; ele tenta se proteger... Ele a abraça. Ela se desvencilha, pega algo na estante, volta e derruba Samuel no chão. Ele cai, de olhos fechados.

**19:01** Júlia tenta acordá-lo, bate peito no peito dele, abafa a boca com a mão; encurvada, chora diante de Samuel.

**19:13** Tela escura.

**19:15** No banheiro, Júlia, apoiada na pia, chora, vê seu reflexo no espelho; as mãos trêmulas; *o reflexo a olha de volta*. No quarto, ela vasculha a gaveta do criado mudo.

**19:28** Sobre a pia do banheiro, o cóclea... Uma faca.

**19:32** Júlia tapa os ouvidos, range os dentes.

**19:41** Ela vasculha a gaveta. Na pia, cóclea, cotonetes, faca, estilete.

**19:46** Júlia segura a faca, solta-a, segura-a com firmeza. Passa a faca atrás da orelha, corta, sangue escorre; seus dentes rangem; sangue escorre pelo peito de Júlia, que se olha no espelho, larga a faca na pia e retira algo do corte...

**20:13** É o aparelho. Suas mãos estão ensanguentadas, o cabelo ensanguentado. Júlia vê-se no espelho, respira, soluça.

**20:31** Sentada, em frente a Samuel, inconsciente na sala escura, ela o fita. No banheiro, lágrimas escorrem de seus olhos, vidrados no espelho.

**20:53** Ela arregala os olhos.

**20:56** Tela escura.

**20:58** Ficha técnica. (voice over)

### **Tempo de fala Céclea (dublagem)**

#### **1º 1:47 a 2:13**

Sinaliza

JÚLIA - Hoje eu tive um sonho estranho

SAMUEL - Que?

JÚLIA - Você falava e falava e eu não ouvia.

SAMUEL - Claro!

JÚLIA - Não! Eu já ouvia normal, mas não te ouvia.

#### **2º 2:41 a 3:05**

Sinaliza

JÚLIA - Você acha que se nós tivéssemos um filho, ele nasceria surdo?

SAMUEL - Não sei... Se ele nascesse surdo, qual o problema?

JÚLIA - Não sei... Acho que ele podia fazer um implante.

SAMUEL - Podia. Mas e se ele não quisesse?

#### **3º 3:29 a 3:34**

MÉDICO - Pergunta se ela tá pronta.

Sinaliza:

MULHER- Tá pronta?

#### **4º 3:53 a 4:02**

MÉDICO - Ok...Você consegue me ouvir?

#### **5º 4:53 a 05:14**

JÚLIA - QUE?

Sinaliza:

SAMUEL - Que?

JÚLIA - Você falou comigo?

SAMUEL - Eu só disse “que”.

JÚLIA - Não! Você tinha falado comigo de verdade

SAMUEL - Eu sempre falei de verdade.

### **6º 6:52 a 7:24**

JÚLIA - Samuel! Para de fazer barulho Samuel! SAMUEL! Para de fazer barulho Samuel!!

Sinaliza e fala (JÚLIA)

- Para de fazer barulho!

Samuel sinaliza

- Eu barulho? Nada a ver.

Sinaliza e fala (JÚLIA)

- Sim, vc!

Samuel sinaliza

- Tá, e daí? Eu não sei não fazer barulho. Eu nem sei como eu faço barulho.

### **7º 08:08 a 8:27**

Sinaliza

JÚLIA - Desculpa.

SAMUEL - Lembra quem só fez o implante foi você.

JÚLIA - Nossa... Qual o problema? Só eu posso ouvir, também quero falar!

SAMUEL - Não comigo!

### **8º 12:24 a 12:39**

JÚLIA

- PARA! PARA SAMUEL! Para de fazer barulho. Você faz o barulho o dia inteiro Samuel eu to ficando louca já. Eu to ficando louca por sua causa. Mas que merda, VOCÊ É MUITO EGOÍSTA SAMUEL, QUE MERDA!

### **9º 14:35 a 15:11**

MÉDICO - É... eu vou ter que encaminhar a Júlia para um psicólogo. A Júlia não tem nada de errado. Se você tivesse nascido surda, tudo bem... Mas já era pra ela ter se acostumado a ouvir de novo. O implante foi um sucesso. O aparelho não tem nada de errado, tá funcionando perfeitamente.

Sinceramente...já não é mais comigo. Júlia, você tem que ter mais força de vontade, querer mais. Você tá entendendo?

**10º 16:55 a 16:59**

SAMUEL Sinaliza

- Vamos, Júlia. Eu to morrendo de fome e ainda falta passar no banco.

**11º 17:05 a 17:21**

Sinaliza

SAMUEL- Presta atenção, to falando com você! Vamos comer!

JÚLIA - Para! Você só quer me irritar!

SAMUEL - Você ta louca, eu não fiz nada! Levanta logo e vamos embora, por favor!

JÚLIA - Cala boca!

SAMUEL - Você tá louca, Júlia! Esse aparelho te deixou uma babaca!

**12º 17:36 a 17:45**

JÚLIA Sinaliza

- Você não me apoia em nada! Minha vida mudou e você só se preocupa com você mesmo e com essa sua invejinha imbecil!